

Agnaldo Rodrigues da Silva

Fantasma em Vila Maria

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado



EDITORA
UNEMAT

FANTASMAS EM VILA MARIA

FANTASMAS EM VILA MARIA

AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado



@Editora Unemat, 2021

Editor: Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa

Capa: Marcelo Doblin

Imagens da capa: Freepik.com / Atribuição: kjpgargeter, vectorpouch e upklyak

Diagramação: Rangel Gomes Sacramento

Conselho Editorial

Judite de Azevedo do Carmo

Ana Maria Lima

Maria Aparecida Pereira Pierangeli

Célia R. Araújo Soares Lopes

Milena Borges de Moraes

Ivete Cevallos

Jussara de Araújo Gonçalves

Denise da Costa Boamorte Cortela

Teldo Anderson da Silva Pereira

Carla Monteiro de Souza

Fabiano Rodrigues de Melo

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S586f Silva, Agnaldo Rodrigues da.
Fantasmas em Vila Maria / Agnaldo Rodrigues da Silva. –
Cáceres: UNEMAT Editora, 2021.
121 p.

ISBN 978-85-86866-26-1

1. Teatro Brasileiro. 2. Teatro Mato-grossense. I. Título.

CDU 821.134.3-2(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário

Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado


EDITORA
UNEMAT

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221 0077 - www.unemat.br/editora - editora@unemat.br

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 5610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 07

PREFÁCIO 11

ESQUEMA DAS PERSONAGENS 15

ESQUEMA DA TRAMA E CENÁRIOS 17

FANTASMAS EM VILA MARIA 19



APRESENTAÇÃO

Deixem os mortos cuidarem de tudo!

Cáceres é um celeiro de artistas. É fato! Pensar na cena teatral na nossa cidade requer pensar em aspectos vários da história cultural do município. Temos na cronologia movimentos teatrais que dialogaram com o clássico, com a modernidade, o religioso e uma cena universitária que causou a efervescência artística nos idos da década de 1990/2000, com notável presença da Universidade do Estado de Mato Grosso. A partir de 2011, estudantes de uma nova geração, pensando um teatro alternativo de resistência e ocupação de espaços, como quadras, ruas e praças, fez com que o Teatro Plenilúnio entrasse em cena na Princesinha do Paraguai.

Durante a pandemia de 2020, um projeto de extensão trouxe à tona o movimento teatral da Companhia Cena do

Drama, liderado pelo professor doutor Agnaldo Rodrigues da Silva, com um curso de teatro voltado à interpretação, em que os participantes puderam interagir com vários profissionais da área, como: Edson Flávio Santos, Bento Matias, Luciano Paullo, Eloy Manrique Hobles e o próprio professor Agnaldo que, juntos, pensaram metodologias adequadas ao momento insólito que vivíamos durante o período de isolamento. Desse projeto, surgiram várias performances e o estreitamento de relações entre os agentes produtores da arte da cena no município, como também a escritura de uma peça teatral que pretende retomar alguns dos aspectos culturais, patrimoniais e populares de Cáceres. Estamos falando de *Fantasmas em Vila Maria*.

O convite para escrever esta apresentação surge desses laços atados durante o processo de elaboração do curso de extensão, que me encheu de satisfação e medos para cumprir tal objetivo, visto que atendi ao chamado para analisar um texto produzido por um dos mais importantes pensadores acadêmicos do teatro brasileiro produzido em nosso Estado.

Fantasmas em Vila Maria, de Agnaldo Rodrigues da Silva, é uma peça que nos leva a falar das nossas histórias e do grito pujante de vozes que clamam pela reinvenção, aspectos que o autor retoma ao longo da trama, a partir da cultura centenária de Cáceres. Através de uma travessura de Gui, Chico e Cidinha, que buscavam descobrir o paradeiro de um lobisomem, personagem bem presente no imaginário popular, o autor nos revela uma aventura instigante que mescla as personagens da ficção, criadas pelo dramaturgo, com as lendas, as figuras históricas e aquelas personagens do imaginário popular da região.

Vale ressaltar que o autor apresenta, na construção do enredo, personagens da história oficial, tanto de um passado distante - mas não tão longínquo, e do presente, de forma bem humorada, descrevendo o cotidiano, sem que, com isso, ferisse o *glamour* da erudição deste magnífico texto, respeitando-se o período de fala de cada arquétipo presente na trama. A poesia também se revela em versos criados para compor a fala em momentos importantes do enredo, desencadeando uma velocidade melódica diferente da fala habitual, que, certamente, provocará no público um estranhamento. Porém, muito interessante de se ouvir e ver! A interferência do sagrado, na melhor referência ao texto de Suassuna, para a resolução dos conflitos, dá ao enredo as reviravoltas necessárias para continuar acesa a chama da curiosidade do espectador até a resolução de todos os conflitos.

Na aventura construída no texto percebemos a composição de um enredo que, certamente, agradará aos diferentes públicos, pois, sabiamente, o dramaturgo mistura o plano terreno das personagens vivas com o plano etéreo das personagens mortas, as lendas e as que estão no âmbito sacro, criando o encontro entre os diferentes mundos. Com isso, institui-se a luta pelo poder de dirigir a Vila, atualmente regida pelos vivos, porém, contestada pelos mortos. Os mortos, por sua vez, revelam-se estupefatos pelos poucos cuidados destinados ao patrimônio histórico, à cultura e a memória dos vultos envolvidos no processo de fundação e desenvolvimento do lugar.

Dividida em 3 atos, a peça provoca reflexão e risos ao tocar em feridas visíveis latentes em nossa Cáceres querida. A falta de cuidados com os casarões, o desabamento literal

e moral dos patrimônios, como também o esquecimento dos feitos das personagens histórias que povoam a história oficial e as ruas da cidade, formam e transformam *Fantasmas em Vila Maria* num acervo cultural para ser degustado por várias gerações de espectadores. O espaço das ações é facilmente compreendido por quem conhece a cidade de Cáceres e também imaginado por quem ainda não teve a oportunidade de visitá-la. Um conjunto bem casado, com uma visão cinematográfica dos planos reais e fantasmagóricos, que prende a atenção desde o início até o descer das cortinas do palco. O cair do pano indica um fim temporário, pois a trama do autor exige dos espectadores uma tomada de posição sobre o conflito do mundo real com o sobrenatural, essa é uma decisão única do espectador atento.

LUCIANO PAULLO

**Ator, diretor de teatro,
professor de Língua Portuguesa do
IFMT campus Cáceres - professor Olegário Baldo**



PREFÁCIO

Certa vez, o Mestre Pedro Casaldáliga me disse: “*Nós somos a nossa palavra! Proclamam os Guaranis.*”

E o meu querido amigo Agnaldo me pede para prefaciar *Fantasmás em Vila Maria*. Meu Deus, e agora?! É muita honra! E mesmo sem merecê-la, vamos lá!

Respeitável público! Sejam bem-vindas (os) a um dos maiores espetáculos destas belas terras cacerenses. Aqui, vamos encontrar personagens históricas dialogando com lendas, contos, cantos, poesias e uma linda gente festeira em busca do resgate de memórias e do patrimônio cultural!

FANTASMAS EM VILA MARIA nos leva pelo encantado mundo imaginário e, por meio da pesquisa histórica e da comédia, consegue ser atual e ainda resgata um tempo em que sentávamos ao redor das fogueiras e ouvíamos os antigos nos assustarem com suas histórias, repassadas

de geração em geração, do lobisomem, mulher de branco, minhocão, Aninha Bananinha, entre tantos outros.

O texto traz as personagens Gui, Chico e Cidinha em cômicos diálogos com vultos históricos importantes – hoje, infelizmente, quase esquecidos – mas que contribuíram muito com o nosso Estado, dentre eles: Luís de Albuquerque de Melo e Cáceres, Major João Carlos Pereira Leite, Theodore Roosevelt, Marechal Rondon e Dom Rolim de Moura.

As traquinagens das personagens crianças nos remetem à alma infantil, que cada um de nós carrega por toda a vida. Impressionou-me a leveza, a beleza e o conteúdo do texto!

Num dos diálogos a personagem Aninha Bananinha diz: *“Virei lenda, memória viva; Cultura nascida do povo; Parte de muitas narrativas; Deste rico mundo novo! Nosso falar é genuíno; Cadjú, Pêtxe, Xá comigo; Deixa meu povo de ser mesquinho! Defenda o nosso patrimônio!”*

Lembrei-me novamente do Mestre Pedro Casaldáliga e do seu ensinamento sobre *“sermos a nossa palavra”*. Neste texto, palavras resgatadas e agora eternizadas pela mente brilhante do Agnaldo! Parabéns, amigo! O texto é lindo!

Tenham todas (os) um bom espetáculo!

FLÁVIO FERREIRA

Diretor de Teatro



AGRADECIMENTOS

À Lei Aldir Blanc e Prefeitura Municipal de Cáceres.

À Thereza Helena de Souza Nunes pelas preciosas contribuições na estrutura dramática.

Ao Isaac Ramos pelas contribuições na estrutura poética de cenas específicas.

Ao Anderson Marques do Amaral pelas conversas que motivaram a Cena Final.



ESQUEMA DAS PERSONAGENS

Personagens vivas

Gui
Chico
Cidinha
Nana
Líder das beatas
Beatas

Personagens mortas

D. Maria I, Rainha reinante.

Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, quarto governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso.

Antônio Pinto Rego e Carvalho, Tenente de Dragões e fundador de Vila Maria (atual Cáceres), por determinação de Luís de Albuquerque.

Dom Rolim de Moura, administrador colonial, tendo sido governador de Mato Grosso.

Bobo da Corte

Personagens vivas no segundo ato; mortas no terceiro ato

Theodore Roosevelt, integrante da Expedição Científica Rondon-Roosevelt, ocorrida entre 1913-1914. A expedição teve início em Cáceres, à margem do Rio Paraguai, em Mato Grosso.

Cel. José Dulce, proprietário da firma José Dulce & Cia e do vapor Etrúria.

Marechal Rondon, engenheiro militar e sertanista brasileiro, conhecido pela exploração do Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental.

Sabino Vieira, médico e líder político revolucionário brasileiro. Principal líder da revolta emancipacionista e republicana, ocorrida na Província da Bahia, conhecida como Sabinada.

Major João Carlos Pereira Leite, desembargador, jornalista e político brasileiro. Herdeiro da Fazenda Jacobina, localizada no território de Cáceres.

Aninha Bananinha, personalidade cacerense que, após a morte, passou a habitar o imaginário popular.

Personagens lendas

Lobisomem

Mulher de Branco, personagem da lenda urbana “Cumbaru de Ouro”.

Minhocão, personagem do imaginário popular cacerense.

Personagens sacras

Nossa Senhora

São Luiz

ESQUEMA DA TRAMA E CENÁRIOS

1º Ato: constituído de três cenas. Os acontecimentos passam-se no cemitério. Estão envolvidas na trama personagens vivas, mortas e as lendas.

2º Ato: constituído de três cenas. Os acontecimentos passam-se na Avenida Sete de Setembro, em Vila Maria do Paraguai, atual Cáceres. Estão envolvidas na trama personagens vivas, mortas e as lendas. Neste ato, as personagens Theodore Roosevelt, Cel. José Dulce, Marechal Rondon, Major João Carlos Pereira Leite, Aninha Bananinha estão vivas.

3º Ato: constituído de três cenas. Os acontecimentos se passam em três *settings*: Catedral de São Luiz, Antiga Câmara Municipal e Praça Barão do Rio Branco. Estão envolvidas na trama as personagens vivas, mortas, mortas-vivas (zumbis) e as lendas. Os zumbis são humanos infectados pelos mortos, por meio de mordidas. Neste ato, as personagens Theodore Roosevelt, Cel. José Dulce, Marechal Rondon, Major João Carlos Pereira Leite, Aninha Bananinha estão mortas.

**FANTASMAS EM VILA
MARIA**

ATO I

(1ª cena)

(Abrem-se as cortinas. O palco deve representar cenograficamente uma sala simples. Luz apagada. Ouve-se o uivo de um lobo. As luzes acendem gradativamente. Gui entra em cena com um cacho de alho, benze o corpo com jeito de assustado. Em seguida, entram Chico e Cidinha. Chico está com uma cruz e Cidinha com um copo de sal)

GUI - Vade retro, lobisomem,
para o mundo que não é do homem!
Benzo o corpo três vezes,
lua cheia, uivo, todos os meses.
Orelha pontuda, olho grande, dente afiado,
água benta, crucifixo, cacho de alho.
Sete filhos, último deles, menino lobo.
Sete mulheres, oitavo filho, lobo menino.
Avô lobo, filho lobo, neto lobo pequenino.
Quebra feitiço!
Virada de fase, lua megera,
corram crianças,
griem bastante,
espantem a fera!

(Ouve-se o uivo de lobo novamente)

CHICO *(Olhando para os lados, com atitude de medo)* - É ele... Ai, meu Deus, é ele!

CIDINHA - De hoje ele não passa! Temos que pegar esse lobisomem de araque. Finalmente, vamos descobrir quem vira lobo nas noites de lua cheia.

CHICO – Há como quebrar a maldição da lua, fazê-lo voltar à forma de homem?

CIDINHA – Aqui está o santo remédio. *(Ri com ironia e mostra o copo com sal)*

GUI – Sal? Eita demência! *(Faz sinal girando o dedo do lado direito da cabeça, sugerindo loucura)*

CHICO – Desde quando lobisomem é sapo para você jogar sal? Você tem cada ideia!

CIDINHA – Esse crucifixo na sua mão também não valeria de nada. Nunca ouvi dizer que lobisomem tem medo de crucifixo. Lobisomem não é vampiro, inteligência! Aliás, eles são inimigos implacáveis.

GUI – E o cacho de alho?

CHICO – Alho? Você cozinhará o lobisomem, por um acaso? Aproveite e coloque uma pitada de pimenta-do-reino! *(Ri ironicamente)*

CIDINHA – Virgem Santa! Como vamos enfrentar o monstro?

GUI – Temos que enfrentá-lo em terra sagrada. Vampiros, lobisomens e bruxas perdem os poderes nesses espaços. Vamos atraí-lo até lá.

CIDINHA – Terra sagrada? Onde é isso?

CHICO - Deve ser na Disney, nos States.

GUI - Que Disney? Bem se vê que vocês não sabem nada de almas penadas. Disney... Era só o que me faltava! *(Balança a cabeça negativamente e funga, em sinal de desprezo pela ideia)*

CIDINHA - Que terra sagrada é essa, guri? Desembucha!

GUI - Cemitério.

CHICO e CIDINHA *(Falam assustados)* - Cemitério?

GUI - Isso mesmo, cemitério! Há apenas dois espaços sagrados na vila, a catedral e o cemitério. A catedral está fechada e, com isso, somente o cemitério poderá ser o nosso campo de batalha. Temos que benzer as nossas armas em terra sagrada. Mãos à obra! Recortei de uma revista algumas palavras mágicas que se usam para libertar as almas das maldições, vejam. *(Mostra um papel com a ladainha)*

CHICO e CIDINHA *(Falam desconfiados)* - Terra sagrada? Ladainha? Almas penadas? Maldições? Cruzes!

GUI - Deixem de ser medrosos. Peguem a água benta para benzermos as nossas armas! Avante, guerreiros! Vamos livrar a vila do filho da lua cheia!

CHICO - Vamos à batalha!

CIDINHA - Cemitério à vista!

(Suspendem o cacho de alho, o crucifixo e o copo de sal como se fossem as armas da batalha. Depois, fazem o grito de guerra)

TODOS – Luta! Coragem! Força e união...

Salvemos nossa vila dessa grande maldição!

Essa batalha é nossa e entramos pra vencer.

Pra derrotar a fera e botá-la pra correr!

Urrah, urruh!

Urrah, arrah!

(A luz oscila por alguns instantes, para atribuir um clima de suspense. Ouve-se o uivo do lobisomem. Todos benzem o corpo e fazem gestos de medo. A luz se apaga)

(2ª cena)

(O palco cenograficamente representa um cemitério. Clima de madrugada, com luz fosca e fumaça. Ouvem-se barulhos de animais: coruja, lobo e outros animais noturnos. Gui, Chico e Cidinha entram como se não quisessem fazer barulho. Gui carrega a lanterna, a água benta e leva o cacho de alho pendurado no pescoço; Chico um estilingue; Cidinha um crucifixo e um copo de sal)

CHICO *(Mostrando o estilingue e algumas pedrinhas nas mãos)* – Desta vez esse lobisomem de araque não me escapa. Mando-lhe cinco pedras na testa.

CIDINHA – Essa batalha tinha que ser no cemitério? Eu tenho medo de almas penadas. *(Faz gestos de comer as unhas e treme as pernas, em sinal de medo)*

GUI – Temos que fazer o reconhecimento do campo de batalha. Desse modo, quando a fera chegar, saberemos muito bem cercá-la. Encurralada, poderemos vencê-la.

(Ouve-se um barulho. Gui, Chico e Cidinha tentam se camuflar entre as lápides. Nesse momento, o palco é atravessado por uma procissão que entoa o cântico de São João Batista. São almas. Entre as almas, uma mulher de branco que, misteriosamente, arrasta um baú)

*Deus te salve João
Batista sagrado
No seu nascimento
Nós temos alegrado*

*São João Batista
De Deus muito amado
Como primo seu
Batista sagrado*

*Merece este Santo
O teu protetor
A quem batizastes
A ti batizou*

*João batizou cristo
Cristo batizou João
Ambos foram batizados
No rio de Jordão*

*Depois do batismo
Deus te perguntou
Qual de nós é o melhor
Dissestes vós senhor*

*São João sabendo
Que hoje é seu dia
Desceu do céu à terra
Com prazer e alegria*

*Tu confirmaste
A quem te mandou
És tu o sagrado
Que Deus aplicou*

*Dizendo em voz alta
A quem vem vindo
Chegando ao redentor
Cordeiro Divino*

*Justiça Divina
Eu ouvi contar
Jesus Cristo foi nascido
Hoje vim te visitar*

*Ajoelharam os pecadores
Ajoelharam para beijar
Que é de nossa obrigação
Para ganhar a salvação*

*Deus te salve João
Pedimos também
Viveremos em alegria
Para sempre amém.*

(As personagens da procissão deitam-se discretamente ao fundo do palco. As crianças retomam a cena, desconfiadas)

GUI – Esse povo está vivo ou morto?

CHICO – Não sei, vamos descobrir? *(Fala ironicamente. Depois, inicia a brincadeira do Vivo ou Morto. Inconscientemente, Gui e Cidinha entram na brincadeira do agacha e levanta)*

– Vivo!

– Morto!

– Vivo!

CIDINHA *(Interrompendo a brincadeira)* – Agora não é hora de brincadeiras! *(Funga e balança a cabeça negativamente)*
Temos que pensar na estratégia para derrotar o lobisomem.

CHICO – Primeiro temos que benzer as armas. Vou fazer o círculo sagrado para darmos sequência ao plano. *(Pega um pedaço de graveto e faz um círculo no chão)*

GUI – Cavaleiros da Távola Cacerense, coloquem suas armas no círculo!

CIDINHA – A tábua não é redonda?

GUI – Oras, não estamos na Camelot do Rei Arthur, mas na Princesinha do Pantanal!

(No meio do círculo, Gui joga o cacho de alho; Chico o estilingue; e Cidinha o crucifixo. Depois, Gui deposita água benta sobre os objetos. As crianças ficam em círculo, dão-se as mãos e, de olhos fechados, proferem as palavras mágicas. Aos poucos, um coro vai se formando com as almas; elas fazem uma meia-lua ao fundo do palco, atrás das crianças. As crianças, concentradas e de olhos fechados, não percebem essa ação)

*Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às duas,
Todas as caveiras pintam as unhas;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às três,
Todas as caveiras imitam chinês;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às quatro,
Todas as caveiras tiram retrato;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às cinco,
Todas as caveiras apertam os cintos;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.*

*Quando o relógio bate às seis,
Todas as caveiras jogam xadrez;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às sete,
Todas as caveiras imitam a Ivete;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às oito,
Todas as caveiras comem biscoito;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às nove,
Todas as caveiras vestem short;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às dez,
Todas as caveiras comem pastéis;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate às onze,
Todas as caveiras se escondem;
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.*

*Quando o relógio bate à meia-noite e uma,
Todas as caveiras saem da tumba.
Tumbalacatumba tumba ta,
Tumbalacatumba tumba ta.
Quando o relógio bate a uma...
(Composição de Vanessa Alves)*

(O coro é interrompido pelo uivo do lobisomem)

CIDINHA – Valha-me Deus! *(Faz o sinal da cruz)*

CHICO – Salve-se quem puder!

GUI – Cada um por si e Deus por todos!

CIDINHA – Mulheres e crianças na frente!

(Instaura-se o caos no palco. Todos correm e gritam na tentativa de fuga. De repente, o bicho-homem entra no palco, uivando e rosnando. Andando lentamente, o lobisomem encurrala as crianças em um dos cantos do palco. As outras personagens ajoelham-se no outro canto e fazem gestos silenciosos de oração)

GUI *(Na tentativa de distrair a fera, enquanto pensa em algum plano)* – Lobisomem, por que essas orelhas tão grandes?

LOBISOMEM *(Entrando ironicamente na brincadeira)* – É para ouvir vocês melhor, meus amiguinhos. *(Lambe os beiços, demonstrando apetite)*

CHICO – Mas... Por que esses olhos tão grandes?

LOBISOMEM – Para ver vocês melhor, meus docinhos. (*Esfrega as mãos, demonstrando vontade de apanhá-los*)

CIDINHA – E essa boca tão grande, seu LobisOMEM?

LOBISOMEM – A bocarra? Para lhes devorar mais rápido, suas pestinhas...

(O LobisOMEM faz menção de pular nas crianças, mas é interrompido por uma das personagens do coro)

MULHER DE BRANCO – Alto lá. Não se atreva a tocar nessas crianças! Juridicamente...

LOBISOMEM (*Interrompendo*) – Quem é você, alma penada?

MULHER DE BRANCO – Alma penada não, mais respeito com as assombrações! Sou a guardiã do tesouro do Cumbaru de Ouro, lá da Rua do Lava-pés.

CIDINHA – Epa! Muita calma nesta hora! LobisOMEM... Mulher de Branco... Só falta aparecer o Minhocão...

(Minhocão entra em cena todo garboso)

MINHOCÃO – Olá, meus admiradores! Que vuco-vuco é esse? Não se pode mais descansar em paz nesta vila? Nem no cemitério há mais sossego? Bem se vê que este lugar evolui a passos largos, consequência dos tempos modernos...

GUI – Não me diga que você é o...

MINHOCÃO – Epitáfio. Popular Minhocão, para a sua graça!

GUI – Epitáfio? Eu nem sabia que você tinha nome. Mas...

CHICO – Acho que eu faltei à aula nesse capítulo da estória. Você deveria estar embaixo da catedral, amarrado pelos fios de cabelo de Nossa Senhora.

CIDINHA – Pelo que diz a lenda, eram três cabelos. Dois se foram, falta apenas um. Não me diga que...

MINHOCÃO – Na traquinagem do Tumbalacatumba tumba ta vocês, acidentalmente, abriram um portal. Por ele, passaram alguns vultos e lendas que estavam presos na história e no imaginário popular. Aproveitei a oportunidade para escapar do cativo.

GUI – Vultos? Que são vultos?

CIDINHA – Cruzes! Só podia ser coisa de assombração.

MINHOCÃO – Vultos históricos são pessoas que viveram no passado e permanecem vivos na memória do povo, por causa dos registros oficiais. Bom... Não deixam de ser assombrações, caso apareçam para uma pessoa viva. (*Dá uma risadinha marota*)

CHICO – Você é um desses vultos?

MINHOCÃO (*Fazendo pose como se fosse uma personagem muito importante*) – Eu sou uma lenda.

GUI (*Com desdém*) – Grande coisa! (*Apontando para a Mulher de Branco e o Lobisomem*) – Aqueles, com certeza, são vultos?

MULHER DE BRANCO – Analfabeto! Eu também sou uma lenda. Eu deveria processá-lo por calúnia e difamação.

GUI (*Continua com desdém*) – Lenda mal educada. Toda amparada nos fundamentos jurídicos.

LOBISOMEM – Eu também sou uma lenda.

CIDINHA – Se vocês são lendas, quais são os vultos?

MINHOCÃO – As personagens históricas que se levantaram da cova durante o Tumbalacatumba tumba ta. Com certeza, eles estão dando um giro pela Vila Maria.

MULHER DE BRANCO – Assombrando o povo, você quis dizer, não é?

(Lobisomem, Mulher de Branco e Minhocão riem timidamente, colocando uma das mãos na boca. Depois, cochicham... Confabulando)

CIDINHA (*Tentando escutar*) – Quem cochicha o rabo espicha!

MINHOCÃO – E quem escuta o rabo encurta! Menina atrevida!

GUI - Conversa vai, conversa vem e ninguém explicou onde estão esses vultos. Creio que essas lendas estão enrolando a gente para nos saborear no café da manhã.

LOBISOMEM (*Esfrega as mãos como quem está louco por uma refeição*) - Uma bela refeição! Vocês acham que conseguirão sair deste lugar? Se isto fosse um filme eu chamaria de “paguem para entrar e rezem para sair”. (*Ri com ironia*)

CHICO - Em primeiro lugar, nós entramos gratuitamente. Em segundo, vamos dar no pé daqui, com reza ou sem ela.

MULHER DE BRANCO - Hum... Sei. Só se passarem por cima desses cadáveres.

CIDINHA - Cadáveres? Que cadáveres?

MULHER DE BRANCO - Dos vultos históricos que vocês libertaram. Olhem ao redor de vocês.

(*Gui, Cidinha e Chico olham ao redor e veem as personagens mortas que haviam sido libertadas de suas covas: D. Maria I, Luís de Albuquerque, Antônio Pinto Rego e Carvalho, Dom Rolim de Moura, Bobo da Corte*)

CHICO - Galera, abrir fuga!

GUI - Não há como escapar, estamos perdidos!

CIDINHA - Entrem no círculo sagrado! Essa é a nossa única chance.

(As crianças entram no círculo sagrado)

MULHER DE BRANCO – Fantasma, amparado na Constituição da República Federativa da nação, que reza sobre o direito de ir e vir, atacar!

*(Ao som da canção **Thriller**, de Michael Jackson, os fantasmas invadem o palco. Todos dançam feito zumbis. Cria-se uma confusão geral. As personagens interagem com o público. A luz vai se apagando aos poucos. Fica tudo escuro e se ouve um uivo de lobisomem)*

(3ª cena)

(A luz acende gradativamente. A cenografia está transformada num júri, em pleno cemitério. Encontram-se no tribunal as seguintes personagens: Luís de Albuquerque, Antônio Carvalho, Dom Rolim de Moura, Mulher de Branco, Lobisomem, Minhocão, Gui, Chico e Cidinha. A Mulher de Branco avança à frente e toma as rédeas do julgamento)

MULHER DE BRANCO – Silêncio no tribunal! Como a responsável por esta jurisdição, assim como por este caso, eu ordeno que se inicie o julgamento! *(Bate o martelo sobre a mesa)*

CIDINHA – Sob qual acusação, por gentileza, dona assombração?

LOBISOMEM – Menina atrevida!

MULHER DE BRANCO – Silêncio! Os réus são acusados de prevaricação no espaço sagrado. Fizeram o ritual que libertou as almas de suas covas. Além disso, jogaram sal ao redor do cemitério, armando uma arapuca para prendê-las neste espaço.

MINHOCÃO – Como resultado, estamos todos presos. Não podemos dar uma voltinha sequer para assombrar os moradores da vila.

CIDINHA – Que balela é essa? A armadilha era apenas para o Lobisomem. Os vultos e lendas entraram na brincadeira de enxeridos.

LOBISOMEM (*Com ironia*) – Eu também sou uma lenda, gracinha!

(Cidinha olha com desdém para o Lobisomem)

CIDINHA – Quanta pressa para sair do cemitério! Este lugar está bem caidinho, não me admira que vocês queiram dar no pé.

GUI – Aliás, acho que vocês deveriam ter se levantado do túmulo há muito tempo para cobrar melhorias. O poder público pensa que os mortos não precisam de lugar bem cuidado.

LOBISOMEM – Chega de conversa fiada! O tempo urge e precisamos resolver essa situação! O encanto que nos libertou não deve durar mais do que vinte e quatro horas.

CIDINHA - E depois? O que poderá ocorrer?

LOBISOMEM - Vamos virar cinzas! Vocês cercaram o cemitério com sal e proferiram as palavras mágicas. Estamos no interior de um círculo sagrado.

CHICO - Caracas!

CIDINHA - Cruzes!

MULHER DE BRANCO - Ordem no tribunal! Devido à gravidade da questão, precisamos avaliar o mérito da causa. Avancemos na sessão, com vista ao veredito!

CIDINHA - Funcionária fantasma. Típico de nosso país.

GUI (*Fala sussurrando para Cidinha*) - Cala a boca! A situação está feia para o nosso lado.

MULHER DE BRANCO - Ora bem! Alguém se habilita a ser o advogado de acusação desses pestinhas?

(*Todas as personagens erguem a mão, exceto as crianças*)

CIDINHA - Cacete! Estamos fritos, moçada!

CHICO - Nem me fale. Alguém sabe o *Pai Nosso* todinho? Comecem a rezar!

MULHER DE BRANCO - Diante das prerrogativas do meu cargo, eu nomeio o LobisOMEM como advogado de acusação. Os demais serão testemunhas.

(O Lobisomem toma posição do lado oposto aos acusados)

CIDINHA *(Fala sussurrando para Gui e Chico)* – Esse Lobisomem é o advogado do diabo. Ferrou!

GUI *(Responde com gracejos)* – O diabo não veio, mas mandou o secretário.

MULHER DE BRANCO *(Com desprezo)* – Crianças engraçadinhas! Veremos se vocês estarão com esses sorrisos debochados ao final do julgamento. Mas...

GUI – Mas o quê? Vamos acabar logo com essa agonia!

MULHER DE BRANCO – Ora, ora, ora... Calma, garotinho! A pressa é nossa, pois precisamos condená-los antes do amanhecer. Alguém se habilita a ser o advogado de defesa dos acusados?

D. MARIA I *(Em voz off)* – Eu.

(Ouvem-se burburinhos... As personagens cochicham... Olham para um lado, para o outro...)

MULHER DE BRANCO – Como assim, eu? Apresente-se a esta corte!

BOBO DA CORTE *(Entra desajeitado no palco)* – Sua majestade, a Rainha.

(Ouve-se som de cornetas, típico de entrada de Reis e Rainhas. D. Maria I entra no palco e toma a posição do mesmo lado dos acusados)

CHICO (*Intrigado*) – Essa é a Rainha de Copas?

CIDINHA (*Com ar impositivo*) – Cortem as cabeças!

GUI – Nossa! Vocês são péssimos de história. Ela é D. Maria I, a louca.

CIDINHA – Louca? Estamos perdidos. O Lobisomem está doído para nos devorar. E aparece uma louca para nos defender?

CHICO (*Comendo as unhas*) – É o fim.

MULHER DE BRANCO – Silêncio no tribunal! Digníssimo advogado Lobisomem, por favor, faça as honras da acusação.

LOBISOMEM (*Ironicamente*) – Meritíssima, com pesar trago a este tribunal uma triste acusação que, sem dúvida, é digna de condenação. Fico triste em pensar na condenação desses réus, em tenra idade. (*Balança a cabeça negativamente, lamentando o fato, mas deixa transparecer falsidade*)

CIDINHA (*Sussurra*) – Falso!

CHICO (*Sussurra*) – Ele quer nos fazer de petisco.

MULHER DE BRANCO – Prossiga, digníssimo advogado!

LOBISOMEM – Esses malfeitores, Meritíssima, fizeram essa traquinagem de caso pensado. São oportunistas. Aproveitaram-se da lua cheia para me atrair para este solo

sagrado. Não só a mim, mas também o Minhocão e todos vocês. Jogaram sal na beira do muro. Como se não bastasse, fizeram o círculo sagrado e proferiram palavras cabalísticas. Diante do exposto, eu os acuso de atentar contra as lendas e os vultos históricos desta Vila Maria do Paraguai, de modo que bem pesados e bem medidos, os atos não têm perdão.

D. MARIA I – Protesto, Meritíssima!

MULHER DE BRANCO – Protesto negado. Que se apresentem as testemunhas!

LOBISOMEM – Excelentíssimo Luís de Albuquerque, militar e administrador colonial português, fidalgo cavaleiro da Casa Real, Capitão de infantaria e ajudante de ordens do Marechal de Campo Francisco Maclean, quarto governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso, determinou a fundação da cidade de Cáceres em 1778.

D. MARIA I (*Com sotaque português, que se estende por toda a participação na peça*) – Ora, pois, fui mesmo eu quem o nomeou conselheiro de capa e espada do Conselho Ultramarino, em 1792.

MULHER DE BRANCO – Silêncio no tribunal!

LUÍS DE ALBUQUERQUE (*Dirigindo-se a D. Maria I*)
– Majestade!

D. MARIA I – Estás a ver, aonde me fizeste parar? Esta terra é, sem dúvida, onde o Judas perdeu as botas!

LUÍS DE ALBUQUERQUE (*Coçando o queixo, demonstrando curiosidade*) – Mas... Como é que sua majestade veio parar nesta vila? Esse fenômeno é, no mínimo, curioso.

D. MARIA I – Reis e Rainhas quando morrem, ficam com os espíritos a vagar pelas terras anexadas à Coroa. Vou lhe confessar, ó, Luisinho, tenho estado em cada buraco, da Cochinchina ao Caixa Prego.

GUI – Nossa cidade não é nenhuma Cochinchina, dona Rainha.

CHICO – Muito menos Caixa Prego.

CIDINHA – E não foi aqui que o Judas perdeu as botas.

MULHER DE BRANCO – Silêncio no tribunal!

GUI – Você quis dizer silêncio no cemitério, não é?

(Cidinha e Chico riem e abafam o riso com as mãos)

LOBISOMEM – Protesto, Meritíssima! É preciso garantir o depoimento do Capitão Luís de Albuquerque.

MULHER DE BRANCO – Protesto aceito. Prossiga, Capitão!

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Meritíssima, hoje é o dia 6 de outubro, aniversário desta Vila Maria. A madrugada caminha para o nascer do dia. Estou aqui para participar dos

festejos e homenagens, assim como todos os demais vultos presentes. No entanto, estamos presos neste cemitério. Se não conseguirmos sair até o nascer do sol, a terra sagrada irá nos sugar novamente para o além-túmulo. Nossa participação nos festejos é de suma importância, Meritíssima. Há muitas arbitrariedades em Vila Maria. Imagine que derrubaram a Ponte Branca. Os casarões históricos estão a cair gradativamente, sem que o poder público crie políticas de revitalização desse patrimônio material. O Cemitério do Junco está em situação de calamidade, uma afronta aos mortos! Veja o estado deste lugar. *(Faz gestos com as mãos para mostrar o cemitério)* O grande cemitério São João Batista! Túmulos quebrados, lápides depredadas, capelinhas caindo aos pedaços. Que tristeza, não é, majestade? *(Dirige-se a D. Maria I, que responde com a cabeça em sinal positivo)*

CIDINHA - Mandou bem, senhor Capitão.

CHICO - Matou a pau.

LOBISOMEM - Não pensem que tudo o que ele disse depõe a favor de vocês. A situação ficou mais favorável à acusação.

GUI - Seu Capitão Luís, eu posso lhe pedir um favor? Dê uma volta no centro velho da vila, pelos arredores da Rua Voluntários da Pátria, por exemplo. O senhor não gostará nada do que vai encontrar. As casas antigas estão quase todas destruídas pelo tempo.

CIDINHA - É capaz de o Capitão ter um infarto.

CHICO – Fulminante.

(As crianças riem)

LOBISOMEM *(Fala baixinho)* – Quem ri por último ri melhor!

MULHER DE BRANCO – Segunda testemunha de acusação!

CIDINHA – Esse julgamento está tendencioso. Só tem acusação? E a defesa?

LOBISOMEM – O Tenente de Dragões Antônio Pinto Rego e Carvalho que, por determinação do quarto governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, fundou esta vila, em 6 de outubro de 1778.

ANTÔNIO CARVALHO *(Fazendo reverência à D. Maria I)* – Majestade!

(D. Maria I apenas faz gestos de aceitação ao cumprimento)

LOBISOMEM – Excelentíssimo Tenente! Relate o seu testemunho a esta corte que, sem dúvida, somará às evidências para condenar os réus.

MINHOCÃO *(Apontando Cidinha)* – E a ré.

CIDINHA *(Fala baixinho, olhando disfarçadamente para o Minhocão)* – Insuportável!

ANTÔNIO CARVALHO – Traíçoelas, assim defino essas crianças. A mandinga que fizeram neste solo sagrado, debaixo da lua cheia, desregulou a porta entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. Essa traquinagem trouxe-nos à vida, e agora estamos presos nestes cadáveres. (*Aponta o dedo para as crianças*) Guilhotina nelas!

GUI (*Com ironia, imitando a Rainha de Copas*) – Cabeças irão rolar.

CIDINHA (*Entra na brincadeira*) – Cortem as cabeças!

CHICO – Virem essa boca pra lá, Rainhas de Copas de araque!

LOBISOMEM – Minha última testemunha para este caso, o Excelentíssimo Dom Rolim de Moura.

DOM ROLIM (*Fazendo reverência à D. Maria I*) – Majestade!

(*D. Maria I apenas faz gestos de aceitação ao cumprimento*)

CIDINHA – Pegue leve, seu Rolim! A situação está caótica para o nosso lado.

MULHER DE BRANCO (*Cinicamente*) – Pobres crianças!

LOBISOMEM (*Com ar de deboche*) – Logo, logo serão petiscos.

MINHOCÃO – Que pena! (*Finge chorar, comovido*)

CHICO – Lágrimas de crocodilo.

GUI – Protesto, dona juíza.

LOBISOMEM – Mais respeito, moleque! Meritíssima!

GUI – Isso. Protesto, dona juíza Meritíssima. O LobisOMEM e o Minhocão estão se aproveitando da situação para arrumar comida. E adivinha quem é a comida?

CIDINHA (*Fingindo chorar*) – Três criancinhas inocentes.

CHICO – Esta estória está ficando igual à dos três porquinhos.

MULHER DE BRANCO – Protesto negado. Ilustríssimo Dom Rolim, prossiga!

DOM ROLIM – Eu, tendo sido Conde de Azambuja e Vice-Rei do Brasil, governei também este Mato Grosso, de 17 de janeiro de 1751 a 1 de dezembro de 1765. Tive outras qualificações, porém é melhor simplificar as biografias.

CIDINHA (*Com desdém*) – Exibido!

(*Cidinha, Gui e Chico riem*)

MULHER DE BRANCO – Silêncio no tribunal!

DOM ROLIM – Muito bem! Sem mais delongas, peço a condenação dos réus. Substancialmente, é notório o fato de que esses pestinhas colocaram em xeque a nossa participação nos festejos pela ocasião do aniversário desta Vila Maria. Isto é tudo.

MULHER DE BRANCO – As coisas foram bem pesadas e medidas, de modo que...

D. MARIA I – Alto lá, ora, pois! Como advogada dos acusados, eu quero proceder a duas ponderações. Primeira: se condenarmos essas crianças a comida de lobisomem é capaz de nunca mais sairmos deste lugar. Elas nos prenderam aqui, mas também podem ser as únicas pessoas capazes de nos soltar. A segunda refere-se a algo óbvio: se os réus limparem o sal que jogaram ao redor do cemitério, o círculo de proteção poderá perder o efeito. Desse modo, poderemos escapar.

GUI – A Rainha fez uma bela defesa, mas...

CIDINHA – Doida de pedra.

CHICO – Se eles escaparem deste cemitério será a noite dos mortos-vivos. Fantasmas em Vila Maria!

GUI – Creio em Deus!

CIDINHA – Criador do Céu e da Terra!

D. MARIA I – Silêncio no tribunal!

MULHER DE BRANCO – Epa! A Meritíssima deste caso sou eu.

D. MARIA I – Quieta! És apenas a fantasma do pé de cumbaru, que virou lenda urbana. Como Rainha, venho a retirar o seu título.

MULHER DE BRANCO (*Cochicha com o Minhocão*) – Ela pode fazer isso?

MINHOCÃO – Ela é a Rainha, pode dar e retirar o título.

MULHER DE BRANCO – Não quero perder o meu título de lenda urbana.

LOBISOMEM – Em meu título de Lobisomem Cacerense ninguém tasca!

MINHOCÃO – Então é melhor obedecer à Rainha louca.

CIDINHA – Só há pessoas importantes entre nós, condecoradas, cheias de títulos e tal...

D. MARIA I – Vamos acabar com a palhaçada. Nix, deusa da noite, está a retirar o seu manto desta Vila Maria. Aurora, deusa do amanhecer, aproxima-se. Precisamos sair deste lugar. Caso contrário, seremos sugados pelo solo e condenados a penar no reino de Hades.

CHICO – Hades?

GUI – Deus do inferno, na mitologia grega.

CIDINHA – Eita, garoto inteligente!

GUI – Assisti sobre o Hades *em Percy Jackson e o Ladrão de Raios*.

CIDINHA – Esse filme é supimpa!

D. MARIA I – Filme? O que é isso?

CIDINHA - Ela não sabe?

GUI - Na época em que ela viveu não havia essas coisas. O filme é um produto da modernidade.

(Surge um gari e, lentamente, varre o sal que cerca o cemitério. Assovia uma música qualquer)

LOBISOMEM *(Olhando desconfiado para o gari)* - Que marmota é aquela?

GARI *(Abre o portão do cemitério e fala com cara de espanto)* - Eita! Vocês são vivos ou mortos?

MULHER DE BRANCO - Nós somos mortos que voltamos à vida. Se mordermos alguém, ele se tornará um morto-vivo.

MINHOCÃO *(Mostrando as crianças)* - Esses pestinhas cercaram o cemitério com sal. Cá estamos presos.

LOBISOMEM - Dê a sentença, Meritíssima!

(Todas as personagens gritam em coro, exceto as crianças)
- Condenados!

GARI *(Com expressão de espanto e de quem não está entendendo nada)* - Eita! Que fuzuê é este no meu cemitério?

MULHER DE BRANCO *(Apontando o dedo para a saída do cemitério)* - Ele varreu o sal, pessoal. Nada poderá nos impedir de invadir a vila.

BOBO DA CORTE – Quem sair por último é a mulher do padre!

LOBISOMEM (*Solta alguns uivos*) – Saco! Lá se foram os meus petiscos.

CIDINHA – Abrir fuga, galera!
(*Todos correm pelo palco, em polvorosa*)

D. MARIA I (*Imitando a Rainha de Copas*) – Cortem as cabeças!

(*As luzes apagam-se lentamente e as personagens deixam o palco*)

ATO II

(4ª cena)

(Dia 6 de outubro. Avenida Sete de Setembro movimentada. Música de desfile cívico. No palanque estão as autoridades: Theodore Roosevelt, Cel. José Dulce, Marechal Rondon, Sabino Vieira, João Carlos Pereira Leite. Alunos uniformizados percorrem a avenida. D. Maria I entra na avenida com um apito, fazendo gestos de comando. Bobo da Corte segura a bandeira do Brasil; Gui a bandeira de Mato Grosso; Aninha Bananinha a bandeira da Vila. Chico e Cidinha adentram, marchando, em meio às outras crianças uniformizadas. Na plateia, a assistir ao desfile, demais mortos misturados à população. Aplausos e gritos de "Viva Vila Maria")

CEL. JOSÉ DULCE - Cidadãos de Vila Maria! Hoje, a nossa comunidade faz mais um ano de fundação, e o progresso chega gradativamente a este recanto. O Etrúria, que rompe as águas do Rio Paraguai, demonstra o potencial que temos para exportação e importação de produtos. As lanchas cruzam as águas com destino a Corumbá, levando poaia, borracha, charque e couro de animais; e, para nossa alegria, elas voltam carregadas de mercadorias finas: sedas, cristais e louças vindas dos países da Europa.

MARECHAL RONDON - Viva Vila Maria!

(Todos respondem, batendo palmas) - Viva!

(Ouvem-se palmas, assovios e gritarias, que aos poucos cessam)

THEODORE ROOSEVELT - Oh yes, congratulations, Brazil!

MARECHAL RONDON (*Fala baixinho, ao ouvido de Theodore Roosevelt*) – Vila Maria, Excelência, Vila Maria!

THEODORE ROOSEVELT – Of course, very well, very well!

JOÃO CARLOS PEREIRA LEITE – Excelentíssimo presidente dos *United States*, em nome de quem saúdo a todas as autoridades. É preciso render homenagens ao Cel. José Dulce pelo investimento no comércio local, permitindo o funcionamento do Etrúria para atribuir fôlego às exportações e importações. Do mesmo modo, rendemos tributos ao Anjo da Ventura, comércio de sua propriedade, que prospera a cada ano que passa. Vila Maria não pode mais continuar a ser apenas vila. Lutemos pela municipalização desta princesinha. Salve a futura Cáceres!

MARECHAL RONDON – Salve a futura Cáceres! Salve a princesinha do Pantanal!

THEODORE ROOSEVELT – Oh yes, congratulations, Brazil!

(Marechal Rondon faz gestos de quem desistiu de corrigir Theodore Roosevelt)

(Ouvem-se palmas, gritos e assovios)

MARECHAL RONDON – Neste dia comemorativo, devemos render homenagens aos fundadores desta vila. Salve Luís de Albuquerque! Salve Antônio Pinto Rego e Carvalho! Dom Rolim de Moura! Salve Nossa Senhora! Salve São Luiz, nosso padroeiro! Salve o povo!

THEODORE ROOSEVELT – Oh yes, congratulations, Brazil! Save the Brazilian people! Oh yes!

CEL. JOSÉ DULCE – Avante ao desfile!

(O desfile recomeça. Ouve-se a marcha típica de desfiles cívicos. D. Maria lidera o pelotão, formado por alunos uniformizados, entre os quais Gui, Chico e Cidinha)

D. MARIA I – Pelotão, avante!

MARECHAL RONDON – Quem é essa louca? Deve ter confundido o desfile cívico com o carnaval.

CEL. JOSÉ DULCE – Retirem essa louca do meio da pista de desfile! Guardas! Guardas!

THEODORE ROOSEVELT – Crazy, crazy, get the crazy woman, please!

GUI *(Fala para Chico e Cidinha)* – Permanecemos marchando, sempre avante! Os mortos não irão nos reconhecer. Estamos bem disfarçados.

CIDINHA – Essa Rainha doida está marchando muito rápido, ela colocará tudo a perder.

CHICO – Vejam! Entraram alguns guardas na avenida. Será que eles descobriram o que nós fizemos no cemitério?

(Os guardas entram na avenida. Fazem ronda pelos beirais do espaço, mas não agem, ficam apenas na observação)

CIDINHA – Continuem marchando, os guardas devem estar atrás da Rainha louca.

(Os mortos começam a surgir em meio à multidão)

DOM ROLIM DE MOURA *(Apontando o dedo)* – Vejam! Os pestinhas... Lá estão os pestinhas, camuflados na multidão!

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Pensei que estivessem escondidos. Eles estão justamente no meio do vucu-vucu.

DOM ROLIM DE MOURA – A Rainha está liderando o pelotão. Era só o que faltava!

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Com certeza, ela está pensando que lidera a tropa do reino.

DOM ROLIM DE MOURA – Só se for a fugir de Napoleão.

(Riem baixinho)

ANTÔNIO PINTO REGO E CARVALHO – Temos que pegar os pestinhas! Só eles conseguirão quebrar o encanto e, finalmente, nos libertar desses corpos, *(Faz gestos de cheirar as axilas)* que, por sinal, estão mal cheirosos.

(Dom Rolim e Luís de Albuquerque também fazem gestos de cheirar as axilas e menção de desagrado)

LUÍS DE ALBUQUERQUE - Tive uma ideia!

ANTÔNIO PINTO REGO E CARVALHO - Eureka!

DOM ROLIM DE MOURA - Desembucha, precisamos agir rápido.

GUI (*Para Chico e Cidinha*) - Eles não param de cochichar. Agora a vaca vai para o brejo.

LUÍS DE ALBUQUERQUE - Vamos subir no palanque e dar ordem de prisão a eles.

DOM ROLIM DE MOURA - Ordem de prisão? Estás louco, homem? É capaz de o povo nos linchar com crucifixos e água benta.

LUÍS DE ALBUQUERQUE - Somos autoridades, homens da lei.

ANTÔNIO PINTO REGO E CARVALHO - Porém, mortos. (*Com gesto de desprezo*) Reles zumbis. Fantasmas...

DOM ROLIM DE MOURA - Ademais, eles estão com a Rainha.

LUÍS DE ALBUQUERQUE - Se dependermos dessa louca, vamos ficar presos nesses corpos de zumbis para sempre. Sigam-me!

CIDINHA - Valha-me Deus! Eles estão subindo no palanque.

CHICO – Estamos ferrados. E agora, quem poderá nos defender?

CIDINHA – Eu, o Chapolin Colorado!

GUI – Pare de palhaçada! A situação é grave. Era só o que faltava, um Chapolin desastrado para colocar mais fogo na fogueira. Basta a Rainha maluca.

(Luís de Albuquerque, Dom Rolim e Antônio Carvalho invadem o palanque e tomam a palavra)

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Saudações, povo de Vila Maria! Este povoado, que foi fundado durante o meu governo na capitania de Mato Grosso, está de parabéns pelas suas conquistas. Protejamos a nossa vila contra os aventureiros e, principalmente, contra aqueles que profanam a memória de nossos mortos.

GUI – Acho que ele está falando de nós.

CIDINHA – Nunca vi uma indireta tão direta.

CEL. JOSÉ DULCE *(Dirigindo-se a Luís de Albuquerque)*
– Que marmota é essa? Quem é você, camarada?

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, ao seu dispor.

MARECHAL RONDON *(Surpreso)* – Quem? Trata-se de uma encenação teatral e ninguém nos avisou?

DOM ROLIM DE MOURA (*Tentando disfarçar*) – Exatamente, a intenção é executar uma peça interativa. Sou Dom Rolim de Moura, fui também governador desta região de Mato Grosso. Celebremos o aniversário da Vila, ao estilo colonial. Teatro e música, muita música!

LUÍS DE ALBUQUERQUE (*Cochicha com Dom Rolim*) – O que você pretende com essa conversa fiada?

DOM ROLIM DE MOURA (*Para Luís de Albuquerque*) – Vamos estabelecer um jogo. Encenemos uma peça de teatro. Desse modo, podemos nos passar por vivos e alcançar os objetivos que desejamos. Questão de estratégia, meu caro.

SABINO VIEIRA – Boa ideia!

DOM ROLIM DE MOURA (*Toma a palavra*) – Senhores e senhoras, respeitável público! Somos atores. Esta peça conta a estória de três crianças predestinadas a destruir a memória de certo povoado. Reza a lenda que essa maldição será liderada por uma Rainha infante, durante uma grande comemoração cívica.

CIDINHA – Será que sou eu?

D. MARIA I – Rainha? A única rainha deste lugar sou eu, sua pentelha!

DOM ROLIM DE MOURA (*Apontando para Cidinha*) – Aquela menina é a líder que um dia será rainha.

SABINO VIEIRA (*Para Dom Rolim*) – O que você está tramando com essa conversa?

DOM ROLIM DE MOURA - Tentando colocar a Rainha contra esses pentelhos.

CIDINHA (*Para D. Maria I, com ar de deboche*) - Entendeu dona Rainha? Eu sou a futura monarca desta vila.

D. MARIA I (*Furiosa*) - Estão a tentar um golpe de Estado? Alta traição! (*Apontando o dedo para Cidinha*) Guilhotina nessa fedelha! Cortem a cabeça!

CIDINHA - Ela não perde a oportunidade de interpretar a Rainha de Copas. Ninguém merece!

GUI - Era só o que faltava. A rainha se virou contra nós. É o que chamamos de Maria vai com as outras.

CEL. JOSÉ DULCE (*Para D. Maria I*) - Alto lá, minha senhora! Ninguém vai cortar a cabeça de quem quer que seja!

D. MARIA I (*Acalmando-se*) - Majestade! Queira, pois, fazer o favor?

MARECHAL RONDON (*Esforça-se para manter as aparências*) - Vejam, senhores! Os atores interpretam os vultos coloniais com tanta vivacidade que até parecem reais.

CHICO - São os próprios em pessoa!

GUI - Cadáveres, você quis dizer, não é?

CEL. JOSÉ DULCE - Essa peça de teatro está muito estranha. Acusações para cá, indiretas para lá. Alguma coisa não me cheira bem.

(Luís de Albuquerque, Dom Rolim, Antônio Carvalho e D. Maria I fazem gestos de cheirar as axilas e fazem menção de desgosto)

GUI – Para mim chega! Estou exausto e com sono. Passamos a noite em claro, tentando salvar a nossa pele.

CHICO – Eu também estou cansado e faminto.

(Lobisomem, Mulher de Branco e Minhocão entram no recinto. O Lobisomem está disfarçado com roupa social; o Minhocão com um pano sobre o corpo)

LOBISOMEM *(Faz gestos com lábios sugerindo fome)* – Alguém disse comida? Estou à míngua, desde a noite passada.

MULHER DE BRANCO – Segure a onda, lobinho comilão. Está cheio de soldados no recinto, e, certamente, não faltará uma bala de prata para furar o seu peito peludo.

LOBISOMEM – Cruzes, que coisa dramática! Não vejo a hora de uivar e correr atrás dessa gente... *(Faz gestos de cheirar os arredores)* Sinto cheiro de carne fresca.

MINHOCÃO – Esta roupa está me apertando, acho que estou um pouquinho fora do peso.

MULHER DE BRANCO – Companheiros, entremos no clima do metateatro! Respirem! Peito para frente, bunda para trás!

(As três lendas começam a interpretar, dando força à brincadeira teatral iniciada pelos vultos históricos)

MULHER DE BRANCO - Senhores e senhoras, autoridades e... Majestade! (*Curva-se à Rainha, em sinal de respeito*) Três crianças inocentes fugiram do nosso orfanato, o "Lar dos Anjos do Senhor".

MINHOCÃO - Ora, que coincidência! Acabo de identificar os nossos anjinhos, em meio à multidão que desfila nesta avenida.

CIDINHA - Anjinhos? Quais anjinhos?

LOBISOMEM - Vocês, meus petiscos. Quer dizer... Anjinhos queridos.

CHICO - Esses camaradas não me são estranhos. Essa mulher que brilha mais que purpurina... Esse trapalhão (*Analisa o Minhocão com os olhos*) que mal se ajeita na própria roupa...

GUI (*Analizando o LobisOMEM*) - Esse homem que mais tem pelos do que pele, muito esquisito...

(*Cidinha sorrateiramente aproxima-se do Minhocão e, subitamente, puxa o pano que o disfarça*)

MINHOCÃO (*Com atitude envergonhada*) - Ai, caramba! Fiquei despido em plena avenida.

MULHER DE BRANCO (*Tentando tampar os olhos com uma das mãos*) - Danou-se!

LOBISOMEM (*Arranca o disfarce, uiva e dá um bote*) - Menina atrevida! Agora você não escapa!

MULHER DE BRANCO (*Retira o disfarce*) – Ao ataque, zumbis!

D. MARIA I – Os mortos contra-atacam! Tomemos o poder!

GUI – Salve-se quem puder!

CIDINHA – Fantasma em Vila Maria!

(Instaura-se a desordem... Todos correm no palco... Gritaria... Alvorço...)

CHICO – Estiquem as canelas! Fuja, quem não quiser virar petisco de lobisomem!

CEL. JOSÉ DULCE – Valha-me Deus!

MARECHAL RONDON – Peguem a minha espingarda! Guardas... Guardas... Prendam os fantasmas... Capturem a fera!

(O Lobisomem uiva e faz fuzuê no palco)

MAJOR JOÃO CARLOS PEREIRA LEITE – As armas não terão efeitos sobre os fantasmas. Chamem o padre! O bispo! O papa! Tragam crucifixos, água benta, terço...

D. MARIA I – A guerra começou. Fantasma... Atacar! Entre vivos e mortos, que vença o melhor!

(A banda começa a tocar. Luís de Albuquerque, Antônio Pinto Rego e Carvalho e Dom Rolim de Moura tiram o disfarce. Os fantasmas mostram suas reais aparências. Correria e gritaria. A luz apaga lentamente e tudo fica em silêncio)

(5ª cena)

(A cena passa-se na Praça Barão do Rio Branco, no espaço onde se localiza o Marco do Jauru, em frente à Catedral. A praça é transformada em um campo de batalha, para uma disputa discursiva entre os vivos e os mortos)

D. MARIA I - Povo da minha terra!

CIDINHA - Como assim? Povo da minha terra?

CHICO - Ela está achando que está viva e que o Brasil ainda pertence à Europa.

GUI - Portugal, você quis dizer, não é?

CHICO *(Imitando o personagem Chaves)* - Isso, isso, isso.

CIDINHA - Que roubada! Como é que vamos sair desta encrenca? Para mais dos pecados a rainha se voltou contra nós.

GUI - Ela pensou que você queria pegar o lugar dela na corte.

CIDINHA - Bela estratégia daqueles fantasmas.

D. MARIA I - Silêncio, seus pes-ti-nhas!

GUI *(baixinho)* - Louca!

CIDINHA - Cortem as cabeças!

CHICO (*Baixinho*) – Cale a boca! Podemos parar na guilhotina. Essa velha é doida de pedra.

D. MARIA I – Vejam bem! Esta vila vive um momento decisivo de sua história. Instaurou-se a luta pela preservação da história, memória, tradição e patrimônio histórico. Vistoriamos toda a parte histórica deste sítio e, cruces, que desalento! As casas estão a desabar, suas paredes a rachar e os telhados em estado de calamidade.

GUI – E os políticos?

TODOS – Fora! Fora! Fora!

D. MARIA I – As ruas esburacadas, bairros sem asfaltamento, esgoto a céu aberto, mendigos pelas ruas.

GUI – E as autoridades?

TODOS – Fora! Fora! Fora!

D. MARIA I – Há anos a antiga Câmara Municipal está interdita, à espera de um destino. Onde estão os poderes públicos?

POVO – Fora! Fora! Fora!

D. MARIA I – O Cemitério do Junco está a desaparecer. Isso mesmo, senhores, a desaparecer, em meio ao mato e destroços. Com ele, foi-se muito da memória de quem lá foi sepultado. Uma afronta aos antepassados.

GUI - E o Executivo?

TODOS - Fora! Fora! Fora!

D. MARIA I - O cemitério São João Batista está a depredar-se violentamente. Digam-me: não há respeito pelos mortos?

CIDINHA - A indignação os fez levantarem do túmulo.

LOBISOMEM (*Ironicamente*) - Engraçadinha! O que levantou os mortos dos túmulos foi a mandinga que vocês fizeram.

D. MARIA I - Muito bem, meus súditos! O grupo de autoridades denominado de mortos está a desafiar o grupo de autoridades vivas para um duelo de *repente*. O vencedor governará Vila Maria. Caso os vivos vençam, as lendas e os mitos serão lançados ao esquecimento. Enfim, tudo aquilo que estiver na memória histórica, cultural e social do povo cairá na escuridão do passado. No entanto, se os mortos vencerem, ficará decretado o basta à inércia das autoridades vivas no trato do património histórico e cultural deste lugar.

MULHER DE BRANCO - Toquem os tambores!

BOBO DA CORTE (*Tocando o tambor*) - Ordem da Rainha! Grupo dos vivos tome seu lugar à direita; grupo dos mortos à esquerda. O desafio vai começar!

(*Aninha Bananinha entra em cena*)

(Todos gritam em alvoroço) – Aninha Bananinha! Aninha Bananinha! Aninha Bananinha!

ANINHA BANANINHA – Oba! Eu também quero entrar na brincadeira. *(Começa a cantar a cantiga de roda e o povo acompanha)* Ai, eu entrei na roda, para ver como se dança, eu entrei na contradança, eu não sei dançar! *(Repete 2 vezes)*

D. MARIA I – Quem é essa criatura exótica? De que está a falar?

CIDINHA – Não fale assim com a nossa Bananinha, dona Rainha! Ela é figura ilustre em nosso meio.

D. MARIA I – Bananinha? Mas o que é isto?

ANINHA BANANINHA – Contem comigo, criança. Estou preparada para a guerra!

(Personagens vivas gritam) – Aninha Bananinha! Aninha Bananinha! Aninha Bananinha!

(Aninha Bananinha suspende os braços, em sinal de provável vitória)

D. MARIA I – Stop!

THEODORE ROOSEVELT – Oh... Yes!

D. MARIA I – Vocês estão nos vencendo pelo cansaço!

THEODORE ROOSEVELT – I'm tired! I'm tired!
Oh... Yes!

CHICO (*Para Cidinha*) – Que foi que ele disse?

CIDINHA – Que está cansado.

D. MARIA I – Formem as equipes! O grupo vencedor administrará a Vila e todo seu patrimônio histórico, cultural e memorialístico, seja material ou imaterial.

(As personagens agitam-se no palco, com a finalidade de formar as equipes. A equipe dos vivos fica composta pelas personagens: Theodore Roosevelt, Cel. José Dulce, Marechal Rondon, Major João Carlos Pereira Leite, Sabino Vieira, Aninha Bananinha, Gui, Chico e Cidinha; a equipe dos mortos pelas personagens: D. Maria I, Mulher de Branco, Bobo da Corte, Luís de Albuquerque, Antônio Carvalho, Dom Rolim, Lobisomem, Minhocão)

(Cidinha, Chico, Gui e Mulher de Branco fazem uma reflexão em forma de monólogo. No palco, deverão estar disponíveis alguns figurinos adultos: vestido, terno, gravata, chapéu, entre outros. Gui, Chico e Cidinha devem fazer o uso de alguns desses figurinos, gerando uma viagem no tempo que os conduza momentaneamente da meninice à idade adulta. Esses figurinos deverão permanecer no palco para utilização em cena futura)

CIDINHA – Um duelo em que ficará visível o descaso dos vivos para com seus mortos. Cemitérios destruídos, casarões antigos desabando pelo implacável castigo do tempo.

CHICO – Aspectos incompreensíveis a um lugar cujos monumentos foram tombados pelo patrimônio histórico nacional. A memória dilui-se em pó de inércias, movendo-se para um passado longínquo.

CIDINHA - Sem dúvida, uma afronta à memória dos antepassados. Hoje, eles vieram cobrar um preço bastante justo pela nossa falta de sensibilidade.

GUI - Com certeza, eles estavam a se remexer no túmulo há algumas décadas.

CHICO - Sem falar de nossas lendas e mitos, quase a desaparecer do imaginário da nova geração.

MULHER DE BRANCO - As lendas e sua invisibilidade cultural. Uma boa matéria para tese de doutorado.

(Bobo da Corte interrompe os monólogos. Concomitantemente, Gui, Chico e Cidinha se desfazem do figurino adulto e voltam à meninice)

BOBO DA CORTE - Por ordem de sua majestade a Rainha, o júri fica constituído pelas seguintes autoridades: Luís de Albuquerque, Antônio Pinto Rego e Carvalho, Dom Rolim de Moura.

CHICO - Os militares estão dominando o pedaço. A ditadura militar começou muito antes do que os livros de história narram.

CIDINHA - Triste realidade!

GUI - Vila Maria sempre foi um reduto militar, isso não é novidade.

CIDINHA – Estamos fadados a essa triste sorte!

BOBO DA CORTE (*Sopra o apito*) – Chega de trelelé!
Para representar a equipe dos mortos e lendas no duelo,
apresento D. Maria I, a Rainha.

CIDINHA (*Balançando a cabeça negativamente*) – Ele
sempre se esquece de mencionar que ela é louca!

GUI – Para representar a equipe dos vivos, nomeamos
Aninha Bananinha!

(*Ouvem-se palmas, assovios e gritos*) - Aninha Bananinha!
Aninha Bananinha! Aninha Bananinha!

(*D. Maria I e Aninha Bananinha tomam o centro da cena.
Fazem a brincadeira do par ou ímpar. Aninha Bananinha deve ser a
vencedora para, então, iniciar o desafio*)

ANINHA BANANINHA – Na bela Vila Maria
À beira do Paraguai,
Há um povo de cantorias
De memória sem igual.
Tem beatas de plantão
Destinos batem à porta,
Que acalentam o coração
Novenas, festas, consorte.

TODOS – Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(*Aplausos e gritos*)

ANINHA BANANINHA – Pessoas em comunhão
Espaço que se renova
Hibridismo, imensidão
Coloca o povo à prova
Nosso canto, grita guerra
Ecoa no Pantanal
Somos frutos desta terra
Nosso calor é real.

TODOS – Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

D. MARIA I – Progresso chega de manso
Aventureiro sem vez
Ouça bem este meu canto
Sou rainha não burguesa
Aqui não é sesmaria
É progresso, colho louros!
Oh, Salve Vila Maria!
Terra de grandes tesouros.

TODOS – Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

D. MARIA I – Palavras, mais que palavras.
Um apreço à tradição!
Amor à terra que lavras
Empenho na evolução.

Ouça, pois, este clamor
De vossos antepassados
Que tinham muito glamour
Um povo entrelaçado.

TODOS – Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

(D. Maria I faz um gesto e chama o Lobisomem para o desafio. Aninha Bananinha faz um gesto e chama Cidinha para o desafio)

LOBISOMEM – Terra e Lua alinhadas
Lua cheia no céu brilha
Homem, lobo, combinados
Andam pela mesma trilha
Sou lenda, do imaginário
Tenham medo ou pavor
Chamem logo o vigário!
Não me deixem no vapor!

TODOS – Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

CIDINHA – Lobisomem, lobo – homem
Não penses q'eu tenho medo
Sou valente e ponho ordem
Já lhe conto um segredo:

Enfrentei bichos ferozes
Ao desbravar estas terras
E venci guerras atrozes
Por matas, rios e serras.

TODOS - Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

LOBISOMEM - Conversa não me apavora
Apenas bala de prata
Verdade lhe falo agora
Ouça e pense, ingrata!
Sem arquivo nem memória
Morre lenda, morre mito
Que são coisas ilusórias
Povo com história, grita.

TODOS - Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

CIDINHA - Maldição da lua cheia
Estou sem bala de prata
Vilão meia-noite e meia
Criançada sai da praça
Passa tempo, a lenda fica
Passa boi, passa visagem
Só não passa quem critica
Não és homem, sacanagem!

TODOS – Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

*(Lobisomem e Cidinha saem do meio da roda. Aninha
Bananinha faz gestos para Chico ingressar no desafio. D. Maria I
faz gestos para o Minhocão ingressar no desafio)*

CHICO – Salve, salve nossa Vila!
Tens riqueza cultural
Tradição não se aniquila
A calçada é um jornal
Muitas conversas jogadas
São correntezas do rio
Princesinha namorada,
Não sucumbas, temos brio!

TODOS – Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

MINHOCÃO – Sou lenda, imaginário
da cultura popular
Assombro até o vigário
Que reza missa no altar.
A memória me alimenta
São traços do filamento
A cada ano sustenta
Poesia do momento.

TODOS - Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

CHICO - Pega bicho, caça cobra!
Afaste, assombração!
Tirem ele desse corpo
Anulem a maldição.
Água benta é eficaz
Muita reza e novena
Com certeza, é capaz
De nos dar vitória plena.

TODOS - Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

MINHOCÃO - Gente viva, não é fácil,
Osso duro de roer!
Não é uma nuvem que passa
Só tenta sobreviver.
Esquece mágoas passadas,
Neste mundo de ninguém.
Tudo está na tua alçada.
Salve o futuro do aquém!

TODOS - Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

(D. Maria I e Aninha Bananinha reassumem o desafio)

CIDINHA - Agora o bicho vai pegar!

PERSONAGENS VIVAS - Aninha Bananinha!
Aninha Bananinha! Aninha Bananinha!

D. MARIA I - Pobreza e realeza

Divisões em nossas vidas
Aos nobres muita riqueza
Vida boa, poder, brigas
Sou líder, mulher de raça
Enfrento qualquer batalha
O meu coração arrasa
Intensa cheia de graça!

TODOS - Nham nham, nham nham nham nham,
nham nham nham nham...

(Aplausos e gritos)

ANINHA BANANINHA -

Sou filha desta terra
Princesa do Pantanal
Em cantos, enfrento as guerras
No marco fundamental
Cultura do imaginário
Poesia de valor
Empresário, operário
Retumbem o meu clamor!

PERSONAGENS VIVAS - Aninha Bananinha!
Aninha Bananinha! Aninha Bananinha!

(Gritos, assovios e palmas...)

D. MARIA I - Que despautério! Aninha Bananinha!
Recuso-me a bater boca com uma Bananinha!

(Aninha Bananinha faz um gesto de “dá-lhe banana” à D. Maria I. Depois, Aninha toma o centro da cena)

ANINHA BANANINHA -

Sou linda, memória viva
Cultura erguida do povo
Partituras narrativas
De um rincão de um mundo novo!
Meu falar é genuíno
Cadjú, pêtxe, xá comigo
Meu povo, canta teu hino!
Tens patrimônio benigno!

TODOS - Aninha Bananinha! Aninha Bananinha!
Viva Aninha Bananinha! Já ganhou... Já ganhou!

(Assovias, aplausos e gritos)

GUI - Aninha poderia ser a nossa prefeita. Quem sabe daria jeito na administração desta vila.

CIDINHA - Hoje realmente demos uma banana para esses políticos!

BOBO DA CORTE – Senhores e senhoras! Por ordem da Rainha, (*Olha para D. Maria I, que dá sinal positivo com a cabeça*) declaro o fim do desafio. Ao júri, a palavra.

(*Luís de Albuquerque, Antônio Pinto Rego e Carvalho, Dom Rolim de Moura cochicham, a fim de declarar um veredito*)

LUÍS DE ALBUQUERQUE (*Abre um pergaminho para leitura do resultado*) – Como presidente do júri, informo: diante do descaso visivelmente observado no centro histórico desta vila; do descaso identificado na manutenção das casas dos mortos, os cemitérios; considerando, ainda, o desafio acontecido nesta Praça Barão do Rio Branco, testemunhado pela majestosa Catedral de São Luiz, assim como pelo histórico Marco do Jauru, e pelo povo, este júri declara a vitória do grupo dos mortos. Que os vivos sejam banidos!

(*Leva o pergaminho à Rainha*)

D. MARIA I (*Assina o pergaminho*) – É a sentença!

GUI – Protesto! Os membros desse júri estão mancomunados. São da mesma autarquia política!

CIDINHA – Isso é marmelada!

MULHER DE BRANCO – Os vivos devem pagar pelo descaso empreendido contra os mortos e as lendas. O imaginário popular perece. A memória e o patrimônio histórico se esvaem paulatinamente, tornando-se poeira no tempo...

CIDINHA – Puxa! Logo na nossa geração é que vocês resolveram levantar do túmulo?

LOBISOMEM - Somos lenda, filhinha! Queremos permanecer vivos na memória do povo!

MULHER DE BRANCO - Viva o Cumbaru de Ouro!

MINHOCÃO - Abaixo a ditadura! Abaixo o preconceito às minorias!

CIDINHA - Eu não sabia que as lendas tinham filosofia política.

LOBISOMEM - Que pena que você está do lado dos vivos, queridinha!

D. MARIA I - Cortem as cabeças!

(O grupo dos mortos cerca o grupo dos vivos)

SABINO VIEIRA - Valha-me Nossa Senhora! São Luiz, padroeiro, vem em socorro dessa gente!

THEODORE ROOSEVELT - *Oh, my God!*

CIDINHA - Salve-se quem puder!

GUI - Para a catedral, galera!

(Theodore Roosevelt, Cel. José Dulce, Marechal Rondon, Major João Carlos Pereira Leite e Aninha Bananinha dispersam-se na multidão. Gui, Chico e Cidinha correm para o interior da catedral. A luz se apaga lentamente. Ouve-se gritaria e correria. Uma música sacra surge para a espera da próxima cena)

(6ª cena)

(A cena se abre com música sacra. Há três settings: a Catedral, transformada na fortaleza dos vivos; a Praça Barão do Rio Branco; a antiga Câmara Municipal, em frente à atual Câmara Municipal, transformada no quartel general dos mortos e zumbis)

(Na Catedral...)

GUI - Eles não ousariam invadir a Catedral; creio que estamos seguros.

CIDINHA - Tenho dúvidas. Com aquela Rainha no comando, nunca estaremos seguros. É melhor pensarmos em estratégias de defesa.

CHICO - Os mortos estão fazendo a festa. Estão transformando a população em zumbis.

GUI - O Lobisomem, segundo informações, transferiu a maldição da lua cheia para grande parte da população.

CHICO - A Mulher de Branco está apavorando o banheiro das escolas, tanto que suspenderam as aulas.

GUI - O Minhocão está cada vez maior. Está enchendo a pança, engolindo as pessoas que tentam fugir dos zumbis e lobisomens.

CIDINHA - A situação é crítica.

GUI - Precisamos de um plano de intervenção.

CIDINHA - As beatas podem ajudar.

CHICO - As beatas?

CIDINHA - Exatamente. Elas podem ajudar a reabrir o portal. Elas sabem todas as rezas e ladainhas.

GUI - Busquem as beatas!

CIDINHA - Cuidado! Não podemos perder nenhum dos nossos.

CHICO - Elas estão concentradas na Chácara das Irmãs Azuis. É muito chão para atravessar sem o ataque dos zumbis.

GUI - São tantos assim?

CIDINHA - Após a vitória no duelo, os mortos e as lendas assumiram o poder. D. Maria I decretou que todos os mortos levantassem de suas covas. Os cemitérios do Junco e o São João Batista estão praticamente desertos.

CHICO - Do jeito que estão os cemitérios, nem os mortos querem ficar lá. Os mortos estão contaminando os vivos que, ao serem mordidos, viram zumbis. Os zumbis tomaram conta da vila

GUI - Malditos zumbis! E o prefeito?

CHICO - Ele foi mordido por um lobisomem.

CIDINHA – E as outras autoridades? Cel. José Dulce, Marechal Rondon, Major João Carlos Pereira Leite?

CHICO – Segundo o boletim de notícias, foram também atacados pelos lobisomens.

CIDINHA – Theodore Roosevelt e Aninha Bananinha devem ter tido o mesmo destino.

GUI – Caracas! Era só o que faltava.

CIDINHA – O único que se salvou foi o Secretário de Saúde. Ele está reunido com uma equipe, em busca de um antídoto que imunize a população.

CIDINHA (*Com ironia*) – Tomara que o Presidente da República não saiba, senão é capaz de demiti-lo.

GUI – Onde essa equipe está reunida?

CIDINHA – No Hospital São Luiz. O prédio está cercado por zumbis. As Irmãs Azuis conseguiram mantê-los do lado de fora. Elas estão utilizando água benta para proteger o prédio. Há uma fonte no interior do lugar.

CHICO – Poderosas essas irmãs.

CIDINHA – Dizem que são filhas de Nossa Senhora.

CHICO – E as beatas? Quem comandará a operação da busca?

CIDINHA – Eu sou mais rápida, porque integrei o grupo de escoteiras. Sou uma verdadeira amazona. Vou pela mata, beirando o rio. O problema será trazer as beatas.

GUI – Nana.

CIDINHA – Quem?

GUI – Nana. Não se lembra? Ela dirige a caminhonete das Irmãs Azuis. Dirige com pé de chumbo, em questão de minutos vocês estarão de volta.

CIDINHA – Xá comigo!

(Gui, Cidinha e Chico dão-se as mãos e falam juntos) Um por todos e todos por um!

(Apagam-se as luzes. Quando elas se acendem, há uma penumbra e música de zumbi. Zumbis e lobisomens pelas ruas. Cidinha aparece correndo e se escondendo entre os obstáculos. A luz apaga novamente. Ouve-se um uivo de lobisomem)

(Na antiga Câmara Municipal... Em frente à Câmara Municipal)

BOBO DA CORTE *(Ouvem-se cornetas)* – Sua majestade, a Rainha.

(A Rainha entra e senta no trono. Mulher de Branco é a conselheira para assuntos dos mortos. Lobisomem, conselheiro para assuntos dos zumbis (mortos-vivos). Minhocão, conselheiro para assuntos do imaginário popular – lendas e mitos)

D. MARIA I - Muito bem, conselheiros! Façam o relatório sobre a atual situação do reino. Vou aproveitar para assinar outros decretos. Afinal, havia tempo que eu não exercitava essa rotina. Como é bom ter o poder da pena!

BOBO DA CORTE - Caneta, Majestade! Se me permite.

D. MARIA I - Silêncio! Prossigam, conselheiros!

MULHER DE BRANCO - Como conselheira para assuntos dos mortos, tenho números concretos, Majestade. 80% da população cemiterial levantou-se de suas covas. O restante faz parte daquele grupo enterrado em terras rurais. Estamos percorrendo as fazendas, sítios e cemitérios clandestinos. Estimo que em três dias tenhamos 100% dessa população na ativa.

D. MARIA I - Excelente! Considerando que os vivos não cuidam da vila, os mortos e os zumbis cuidarão. Inacreditável! Em 242 anos, o lugar evoluiu tão pouco. Tenho muita pena!

MULHER DE BRANCO - Os antepassados, emergidos dos sepulcros, estão à procura de seus descendentes, a fim de tomarem satisfação perante tanto descaso.

D. MARIA I (*Em atitude de autoridade*) - Prossigam!

LOBISOMEM - Como Conselheiro da Pasta dos zumbis, eu apresento o seguinte relatório: há poucos mortos em suas covas. A população da vila, atualmente, é

constituída por mortos e zumbis. Os zumbis são aqueles que foram mordidos pelos mortos. Houve também a libertação dos mitos, das lendas e outras personagens do imaginário popular. A relação entre Vida/Morte entrou em parafuso em Vila Maria! Os poucos vivos permanecem confinados em suas casas; porém, cercados pelos zumbis. Ninguém sai e ninguém entra. Como toda pequena vila, o povo é bastante religioso. A maioria das pessoas tem água benta em casa, e isso tem dificultado as invasões. Em breve, a população não será de vivos, muito menos de mortos. Será uma população de zumbis.

D. MARIA I - Não se preocupem, meus súditos. A água benta acabará. Eles não resistirão por muito tempo. Com certeza, sucumbirão. Daí, reinaremos em absoluto.

LOBISOMEM - Há boatos de que os rebeldes continuam confinados no interior da Catedral. O decreto de Vossa Majestade para trazer à vida os mortos, mitos e lendas libertou também as gárgulas. Elas estão defendendo o templo de São Luiz, e o fazem com unhas e dentes. Sendo encantadas, o toque delas destrói os zumbis que se aproximam.

D. MARIA I - São anjos disfarçados em corpos de monstros. Sempre protegem os templos sagrados.

LOBISOMEM - Para encerrar os assuntos da minha Pasta administrativa, informo que uma rebelde conseguiu fugir da fortaleza, escoltada por algumas gárgulas. Tomou a mata à beira do rio e adentrou na fortaleza das Irmãs.

MINHOCÃO - As Azuis?

LOBISOMEM – Exatamente.

D. MARIA I – Zumbis incompetentes!

LOBISOMEM – Disseram que as beatas estão concentradas naquele lugar.

D. MARIA I – Cuidem para que não retornem à Catedral. Enviem o máximo de zumbis para o trecho que liga os dois lugares!

MINHOCÃO – Compreendido, majestade.

BOBO DA CORTE (*Entra ofegante*) – Majestade... Majestade...

D. MARIA I – Insolente! Como se atreve a interromper as deliberações desta corte de conselheiros?

BOBO DA CORTE – É caso de vida ou morte, minha Rainha. Quer dizer, (*Hesita*) questões que interessam aos mortos e zumbis.

MULHER DE BRANCO – Fale, estrupício!

D. MARIA I – Seja breve, porque o tempo urge! Estamos no auge da batalha.

BOBO DA CORTE – A rebelde, majestade. Ela conseguiu apoio da Capitã da fortaleza das Irmãs Azuis. Deixaram a chácara com uma caminhonete lavada em água benta. Algumas gárgulas protegem o veículo, de modo

que se aproximam da Catedral. Levam consigo um grupo significativo de beatas.

MINHOCÃO – O que estão a tramar com as beatas?

MULHER DE BRANCO – Boa coisa não é.

LOBISOMEM – O que vamos fazer?

D. MARIA I – Atacar a Catedral. Cortem as cabeças!

MULHER DE BRANCO – O que? Estás louca?

LOBISOMEM (*Com tom sarcástico*) – Novidade.

D. MARIA I – Avante, meus súditos! Rumo à Catedral. Os rebeldes estão com as horas contadas.

MULHER DE BRANCO – E as gárgulas?

LOBISOMEM – As beatas?

MINHOCÃO – Invadir o templo do Padroeiro? Não podemos enfrentar o Santo.

D. MARIA I – Deixem de tolices! Vocês acham que o Padroeiro viria em socorro dessa gente que mal sabe o sinal da cruz? O mundo de hoje se tornou escravo dos sete pecados capitais. O dinheiro é o grande objeto de adoração, tanto dos ricos quanto dos pobres. É bíblico: “ninguém pode adorar a Deus e a Mamom”. Esta batalha está ganha. Avante, mortos! Avante, zumbis! À tomada definitiva do poder!

(Gritaria no palco, em sinal de preparação de luta. A luz se apaga. Ouvem-se barulhos de carro e cavalos... Depois barulhos de espadas e gritos... Uivos de lobisomens... Barulhos que deem a entender que as gárgulas também estão no combate)

(Acende-se a luz. Na Catedral...)

(Cidinha adentra, acompanhada de Nana e das beatas. As beatas vestem-se de preto e seguram terços nas mãos)

NANA - A Catedral está cercada pelos zumbis. Quando chegávamos, avistamos também uma multidão de mortos se aproximando, liderados por D. Maria I.

GUI - Valha-me Deus!

CIDINHA - Será difícil resistir. O pequeno grupo de vivos que resistia no interior das casas começou a sucumbir.

GUI - E as gárgulas?

NANA - Sobrevoam incessantemente os arredores da catedral.

CHICO - Os zumbis continuam a investir na invasão da fortaleza. Os mortos chegaram e se agregaram a eles.

CIDINHA - Não seriam loucos.

CHICO - Liderados por aquela louca, seriam capazes de tudo.

(Do lado de fora da catedral)

ZUMBIS *(Entre gritos variados)* – Abaixo a fortaleza!
Arrombem a porta!

*(Os zumbis tentam arrombar a porta frontal da catedral.
Ouvem-se barulhos...)*

NANA – Meu Deus! Colocarão a porta abaixo.

CIDINHA – Estão a usar troncos de árvores. Quando chegamos havia um amontado na Praça Barão, ao lado do Marco.

CHICO – Chegou o relatório dos vivos que se escondem na torre. O número de zumbis é assustador. As gárgulas não conseguem vencê-los.

GUI – Lutaremos até o fim. Quem diria que os mortos fossem se rebelar.

CIDINHA – Vivendo naquelas condições precárias, demoraram a se levantar dos túmulos.

GUI – Não há escapatória. É hora do confronto final. Tomem os seus lugares! Coloquem as beatas perfiladas no altar de Nossa Senhora. Vamos à cartada final! Tenho um plano, aproximem-se!

(Cria-se uma roda. O grupo confabula. Ouve-se uma música de suspense para a mudança de ato)

ATO III

(7ª cena)

(Na torre da Catedral encontram-se Gui, Cidinha e Chico)

GUI - Caracas! A população está transformada em zumbis.

CIDINHA - Não têm vontade própria.

CHICO - São joguetes nas mãos dos seus líderes.

GUI - Esse é o lado podre da política. Há um grupo pequeno que escraviza outro significativamente maior. Políticos têm o poder da sedução.

CIDINHA - Demônios!

CHICO - Mas são necessários para a organização da *polis*, assim como o mal é necessário para que o povo se lembre da existência do bem.

CIDINHA - Afinal, tudo no universo existe por oposição.

GUI - A antítese que nos faz nascer e caminhar em direção à morte. Vida e Morte, material e imaterial, esquerda e direita, santos e demônios.

(Do lado de fora da catedral, uma multidão de zumbis)

LOBISOMEM - Olhem para a torre!

MINHOCÃO – Humanos. Vamos pegá-los!

D. MARIA I – Pestinhas. Desçam já!

CIDINHA – Venham nos pegar, cambada!

LOBISOMEM – Eita, menina atrevida!

GUI (*Cochicha com Cidinha e Chico*) – Precisamos entrar na fase de negociação. Sigamos o plano!

CIDINHA – Ouçam! Elegemos um líder para negociar com vocês.

D. MARIA I – Líder? Que história é essa de líder?

BOBO DA CORTE – É uma figura, Majestade, encarregada de falar por um determinado grupo.

D. MARIA I – Eu sei, estrupício! Estou a estranhar a ideia.

CIDINHA – Quem será o líder de vocês? A Rainha poderia nomear um líder? Alguém alto, bonito e sensual como, por exemplo, o Minhocão?

MINHOCÃO (*Surpreso e meio encabulado*) – Eu?

(*Mulher de Branco e Lobisomem riem, em deboche das qualidades conferidas ao Minhocão*)

CIDINHA – Sim, você. Afinal, o senhor é a lenda mais viva nesta vila. Em grau de importância, você está à frente do Lobisomem e da Mulher do Cumbaru de Ouro. Você é a sensação da nova geração.

LOBISOMEM (*Funga com desdém*) – Grande coisa!

MULHER DE BRANCO (*Enciumada*) – Esse paspalho é melhor do que nós? Poupem-me!

MINHOCÃO – Despeitados! Vocês ouviram. Eu sou o gostosão do pedaço.

CIDINHA – A Rainha não manda mais? Deixará que o Lobisomem e a Mulher de Branco deem as ordens?

D. MARIA I – Cale-se, atrevida!

LOBISOMEM – Estão aplicando a tática do conflito para minar a nossa união, Excelências.

CHICO – Excelências? Esses políticos se merecem!

CIDINHA – Serviços de excelência para população, nada. Para isso, são verdadeiras negações.

D. MARIA I – Pelos poderes a mim conferidos e avalizados pelos meus súditos...

CHICO – (*Fala baixinho*) De zumbis...

(*Gui, Cidinha e Chico riem*)

D. MARIA I – Eu nomeio o Minhocão como o líder dos mortos, das lendas e da população de zumbis que habita esta vila. Confiro-lhe o poder de negociar a queda da fortaleza e o fim dos últimos humanos vivos.

(Gritos de vitória no grupo dos mortos, lendas e zumbis)

CIDINHA *(Com autoridade)* – Como capitã dos vivos, eu nomeio o combatente Gui para negociar em nome do nosso grupo.

GUI *(Com seriedade)* – Senhor Minhocão, lenda vida desta terra. Muito me honra conhecê-lo pessoalmente, pois muitas crianças e jovens passaram décadas ouvindo narrativas dedicadas à sua memória. Convidamos-te a entrar em nossa fortaleza e, desse modo, acharmos uma solução ideal para o impasse.

LOBISOMEM *(Cochicha)* – Eles estão tramando algo. Todo cuidado é pouco.

MINHOCÃO *(Cochicha)* – Excelências, não seria mais prudente ele descer. Daí, poderíamos devorá-lo ou transformá-lo em zumbi?

LOBISOMEM – Ou lobisOMEM.

MULHER DE BRANCO – Lembre-se da Guerra de Tróia, Minhocão. O presente dos gregos entrou na cidade, que era uma fortaleza. Depois... Vocês sabem o que houve? Não sobrou pedra sobre pedra!

D. MARIA I – O episódio conta que, na época, os gregos destruíram a cidade. Queimaram tudo e escravizaram o povo.

MULHER DE BRANCO – Essa é a ideia. O Minhocão engole o máximo de zumbis que ele puder. Quando estiver no interior da fortaleza, eles saem de dentro do paspalho.

MINHOCÃO – Paspalho? E você, assombração inútil. Porém, preciso concordar: a ideia é boa.

LOBISOMEM – Concordo.

D. MARIA I – Eu também.

GUI – Então, Minhocão? Não temos muito tempo.

MINHOCÃO – Aceito o desafio. *(Esfregando as mãos)*
Tenho a convicção de que faremos uma ótima negociação.

(D. Maria I, Mulher de Branco, Lobisomem e Minhocão riem baixinho)

D. MARIA I – Zumbis e lobisomens! Juntem-se a nós, para confabularmos o plano.

(Os zumbis e lobisomens amontoam-se uns sobre os outros. Pouco a pouco formam uma gruta que abriga D. Maria I, Minhocão, Mulher de Branco e Lobisomem)

GUI – Não estamos conseguindo vê-los. O que estão tramando?

CIDINHA - Esperemos pelo pior.

CHICO - Nem as gárgulas conseguem ver o que se passa. Estão colados uns nos outros, formando paredes e telhados.

(No interior da gruta, formada pelos corpos dos zumbis e lobisomens, o Minhocão engole dezenas de zumbis. Gradativamente, os corpos sobrepostos se afastam, desfazendo a gruta)

CIDINHA - O que é aquilo?

CHICO - O Minhocão deu uma engordadinha.

CIDINHA - O bicho está imenso.

GUI - Alto lá, mortos, zumbis e lendas! Como vocês explicam esse repentino inchaço do Minhocão?

D. MARIA I - Transferimos energias a ele. São apenas energias, meus amores!

CIDINHA - Amores? Sinceridade passou longe!

CHICO - Não temos alternativa. Vamos executar o plano!

GUI - Gárgulas! Deem passagem ao Minhocão.

(Minutos depois... Na nave da catedral)

GUI – Abram a porta para a entrada do líder dos mortos, zumbis e lendas!

(A porta é aberta. Ouve-se toque de corneta. O Minhocão entra desfilando, sentindo-se “o cara”. Depois, a porta é fechada)

GUI *(Faz reverência ao Minhocão)* – Excelência!

CIDINHA *(Fala baixinho)* – Ele não anda, desfila. Está achando que é modelo de passarela.

CHICO *(Para Cidinha)* – Segure a onda, não coloque tudo a perder!

MINHOCÃO – Muito bem! Rendam-se e tudo ficará bem. Viveremos em um mundo onírico, onde mortos e zumbis poderão conviver harmoniosamente com as lendas, mitos e demais personagens do imaginário popular. Não haverá vivos para matar as lendas e desprezar os mitos, muito menos depredar o patrimônio histórico.

GUI – Podemos ter uma forma pacífica de convivência, sem que haja o extermínio dos vivos. Compreendemos a revolta, basta olhar em volta para ver o tamanho do descaso com os casarões antigos, assim como os cemitérios. Realmente, uma afronta à valorização da memória.

MINHOCÃO – Os vivos não estão sendo exterminados, meus queridos amiguinhos. *(Ri ironicamente)* Estão se transformando em zumbis ou lobisomens. Ora, senhores e senhoras! Esta vila é um lugar fantasma. Grande parte do seu patrimônio histórico é carcaça de velhos casarões e casitas sem beiras nem eiras.

GUI - O pior de tudo é que ele tem razão!

MINHOCÃO - Rendam-se! É a melhor decisão. Assim, poderemos salvar a memória desta vila.

CIDINHA - Inocente!

MINHOCÃO (*Dá uma gargalhada*) - Como vocês são inocentes! Acham que eu entraria sozinho? Protagonizei a maior batalha desta vila, quando fui vencido pela Compadecida. Na ocasião, ela me prendeu com três cabelos de ouro, abaixo daquele altar que lá está (*aponta o altar*). Hoje, será um dia de vitória. Começemos a batalha final!

(O Minhocão cospe para várias direções. A cada cuspidada liberta inúmeros zumbis. Em poucos segundos, são dezenas a preencher a grande nave da Catedral)

GUI - Valha-me Nossa Senhora! Mãe de Jesus de Nazaré!

CIDINHA - Agora o assunto é com vocês, beatas!

LÍDER DAS BEATAS - Seguremos com fervor o terço e roguemos ao Padroeiro da vila.

BEATAS - São Luiz, Nosso Senhor!
Patrono deste lugar,
Lance a nós o seu amor
Ouça o nosso cantar!

TODOS - *Ora pro nobis.*

BEATAS – Tua terra pede clemência,
O povo está em perigo,
Há infiéis em demência
Livra-nos desse castigo.

TODOS – *Ora pro nobis.*

BEATAS – São Luiz, Santo Obreiro,
Da seara do Senhor
És corajoso e guerreiro
Desça a nós, por favor!

TODOS – *Ora pro nobis.*

BEATAS – Que sua luz fulmine o mal
Separe o joio do trigo,
Entre nesta batalha
Defenda-nos do inimigo!

TODOS – *Ora pro nobis.*

(Ouve-se um canto sacro. Uma luz brota no altar de São Luiz. A luz torna-se incandescente e forma a figura do santo. Com a luz forte que se acende, a maldição dos zumbis que estão no interior do recinto é quebrada)

MINHOCÃO – Salve-se quem puder! O Padroeiro veio em socorro dos vivos.

GUI – Nosso trunfo estava guardado.

CIDINHA – As beatas botaram pra quebrar!

SÃO LUIZ – Vamos parar com esse banzé? A minha igreja não é a casa da mãe Joana. Que me perdoem todas as Joanas! Mas eu não achei outra expressão para descrever este quiproquó.

CIDINHA – Gostei do Santo, ele até que é engraçado.

SÃO LUIZ – Cidinha, minha filha, não é porque sou um Santo que devo ser carrancudo.

CHICO – A luz do senhor foi tão forte que quebrou a maldição dos zumbis. Quem era vivo voltou a ser vivo, quem era morto voltou a ser alma penada.

SÃO LUIZ – Deve ser o susto perante a luz. O choque com o bem espantou o mal que neles se alojava.

GUI – E o que faremos com o Minhocão?

SÃO LUIZ – Ele é uma lenda. Habita outra esfera.

MINHOCÃO – Agora é que estou entendendo o plano. Seus pestinhas!

CIDINHA – Precisávamos atrair você até o interior da Catedral.

MINHOCÃO – Deixem-me sair... (*Grita desesperadamente*) Socorro!

CHICO – São Luiz, sabemos que o senhor é carne e unha com a Nossa Senhora. Precisamos que ela venha para lembrar ao Minhocão quem é que manda.

SÃO LUIZ – É claro, Chico. Ninguém melhor do que ela para resgatar esse Minhocão fujão. A Compadecida nunca abandona as suas causas. Faça você mesmo as honras à Santa?

CHICO – Joguei o anzol no rio
Pra pegar peixe encantado
Não peguei peixe encantado
Mas peguei o seu retrato
(Mostra o retrato da Santa em um pingente)
Valha-me Nossa Senhora!
Mãe de Cristo Redentor
Desça e salve este povo
Que clama o vosso amor!

(Música sacra. Nasce uma luz que pouco a pouco se transforma em Nossa Senhora)

NOSSA SENHORA – Vocês me chamaram e aqui estou! Obrigada pelo convite, crianças. Eu não poderia deixar de atender a um chamado tão gentil. Mas o que houve de tão grave?

CIDINHA – Dona Santa... Desculpe o incômodo, mas adivinha quem fugiu?

NOSSA SENHORA – Sei quem fugiu, minha criança. Já me levaram o relatório completo. Aliás, estou sabendo da traquinagem de vocês!

GUI – Nós só queríamos descobrir quem virava lobisomem. Mas parece que...

NOSSA SENHORA – Vocês abriram um portal, por onde escaparam todos os mortos e lendas.

CIDINHA (*Imitando o personagem Chaves*) – Isso...
Isso... Isso...

NOSSA SENHORA – Eu sei que não houve a intenção. Na inocência, vocês desencadearam esse desequilíbrio entre as dimensões. Mas vamos colocar as coisas nos eixos.

CIDINHA – A Senhora precisa amarrar o Minhocão novamente com seus fios de cabelo.

NOSSA SENHORA – Se o problema são os fios de cabelo, achamos a solução. Cabelos não me faltam. (*Dá um leve sorriso*)

(Nossa Senhora retira três fios de cabelo de ouro, faz um gesto com as mãos e sopra... Os cabelos voam em direção ao monstro. Ouve-se um vendaval, trovões, há oscilação na luz sobre o palco. A luz se apaga. Quando volta, o Minhocão não está mais no recinto)

GUI – O Minhocão fugiu.

NOSSA SENHORA – Não, meu filho. Ele voltou a ser lenda. Uma lenda no imaginário popular. Está embaixo da catedral, preso pelos meus cabelos encantados. Espero que a fraca fé do povo não desgaste novamente essas algemas. O resto é com vocês! Vocês ainda têm uma grande batalha para vencer!

CHICO – Valeu, Nossa Senhora, nossa advogada!

(A Santa, gradativamente, esvai-se em luz e desaparece)

CIDINHA - Bem que a Santa poderia ajudar a vencer esses zumbis.

CHICO - Como ela disse, essa luta é nossa!

GUI - Tenho um plano.

CIDINHA - Diga-nos, o tempo está escasso.

GUI - A Casa dos Anjos. Temos que chegar à Casa dos Anjos.

SÃO LUIZ - Casa dos Anjos?

GUI - Dizem que lá é a morada do Conde Drácula. Ele seria o único capaz de derrotar o Lobisomem e quebrar a maldição de todos aqueles que foram contaminados por ele.

CHICO - Há zumbis ao redor desta fortaleza e por toda parte. Seria impossível chegar a esse lugar. Seremos contaminados ou devorados.

SÃO LUIZ - Penso que posso ajudar.

CIDINHA - O senhor é um Santo!

CHICO (*Fala baixinho para Cidinha*) - Puxa-saco!

SÃO LUIZ - Coloquem alguns copos sobre a mesa.

(*As crianças colocam vários copos sobre uma mesa*)

SÃO LUIZ - Vou colocar um sopro de luz em cada um dos copos. (*Faz gestos de que está colando sopros de luz nos copos*) Cada gárgula deverá beber um copo com sopro de luz. Depois sobrevoarão a vila, depositando as luzes nos lugares mais diversos. Será como pulverizar todo o ambiente. Quando as luzes tocarem os zumbis, a maldição será aniquilada. Eles retomarão seus sentidos e voltarão ao normal de suas vidas.

GUI - E os mortos?

SÃO LUIZ - Esses voltarão para suas covas.

CHICO - E as lendas?

CIDINHA - Boa pergunta. E a Mulher de Branco e o Lobisomem?

SÃO LUIZ - Esses são casos que vocês deverão solucionar. Mas... Parece-me que alguém havia tido uma ideia.

GUI - Isso... Isso... Isso. Dê cabo dos zumbis que nós cuidamos das lendas rebeldes!

SÃO LUIZ - Que essa nova geração cuide desta vila, não deixem morrer a sua história, memória e identidade. Revigorem o seu patrimônio histórico!

CIDINHA - Vamos pagar para ver se o prefeito vai obedecer a ordem de São Luiz.

CHICO - Duvideodó.

(Uma forte luz marca a despedida de São Luiz. A luz se apaga. Todo o recinto fica escuro. Ouve-se música de combate. Barulhos das gárgulas, cavalos, espadas. Gritaria...)

(8ª cena)

(Música típica de lugar mal assombrado. A cena passa-se na Casa dos Anjos. Estão presentes: Gui, Cidinha, Chico e as beatas. A luz deve propiciar um ambiente sombrio, de penumbra. Ouvem-se uivos de lobisomens)

LÍDER DAS BEATAS – Crendeospai! Estive neste lugar há anos. Eu era muito nova, lá pelos meus 20 anos. Após 60 anos, terei a oportunidade de testar novamente a minha fé. Naquela ocasião, eu estava entre as beatas que organizaram as novenas e a invasão nesta cúpula do demônio. Pendurado no pescoço, eu tinha um crucifixo. Quando o avistamos grudado no teto, de cabeça para baixo, arranquei o objeto e lancei em direção a ele. Lembro como se fosse hoje. O Conde pegou aquele objeto como se pegasse outro qualquer e, debochando de nossa crença, afirmou: “Mulher de pouca fé!”. Depois, o maldito e suas noivas atacaram a todas nós. Eu fui a única sobrevivente. Talvez ele tenha me deixado viver pela coragem.

CIDINHA – Li esse relato em *Dose de Cicuta*. Nunca imaginei que a senhora seria aquela beata sem fé.

CHICO (*Fala baixo para Cidinha*) – Cala a boca! Isso é coisa que se diga?

(Cidinha faz cara de deboche)

GUI – Sejam os ágeis. As portas e janelas do casarão não aguentarão muito tempo. Os lobisomens tentam entrar a qualquer custo.

CIDINHA – Precisamos acordar o Conde. Ele poderá aniquilar a ação desses monstros. Vampiros e lobisomens são arquirrivais.

CHICO – Meu Deus, a janela está a sucumbir!

LÍDER DAS BEATAS – Eu sei onde está escondido o caixão de Vladimir.

CIDINHA – Vladimir?

LÍDER DAS BEATAS – É o verdadeiro nome do Conde de Drácula. Drácula é o nome do castelo onde ele morava na Transilvânia. Na verdade, Drácula significa “filho do dragão”, nome atribuído a ele pelo pai. Eles eram de famílias reais.

GUI (*Demonstrando muita pressa, apavorado*) – Entendi... Entendi... Vamos! Mostre-nos onde o tal Vlad está escondido.

CIDINHA (*em tom de brincadeira*) – Vlad? Já está íntimo?

GUI – Não é hora para gracejos. Levas tudo à brincadeira.

LÍDER DAS BEATAS – Sigam-me!

(Gui, Cidinha e Chico seguem as beatas. Na sala, as outras beatas continuam a jogar água benta nas portas e janelas, a fim de impedir a entrada dos lobisomens)

LÍDER DAS BEATAS – Apenas uma pessoa poderá entrar. A passagem não comporta um número maior.

GUI – Eu entrarei.

LÍDER DAS BEATAS – Preste atenção! Ao puxar aquela aldrava na porta da cozinha, deves batê-la doze vezes. Na décima segunda batida, alusão à meia-noite, a porta brilhará intensamente e se transformará em um espelho. Deves entrar no espelho, como se estivesse saindo da casa. Ao mesmo tempo, estarás entrando na cripta do vampiro.

GUI – O que deverei fazer para acordá-lo?

LÍDER DAS BEATAS – Abra a tampa do caixão. Depois... Corra! Caso ele pegue você, não sobrarão nem ossinhos para descobertas arqueológicas.

CIDINHA – Cruzes!

(Gui segura a aldrava e faz as doze batidas. A porta transforma-se em espelho. Ele entra na cripta. Ouve-se música de suspense. Ele passeia os olhos pelo espaço e, depois, debruça-os sobre o caixão. Destrava o dormitório do vampiro e, violentamente, o abre. Sem titubear, o menino sai desembestado pela cripta afora. Um silêncio reina na cripta)

(Na sala do casarão...)

GUI – O cara está vindo!

CIDINHA – O bicho vai pegar!

LÍDER DAS BEATAS – Beatas! Crucifixo em uma das mãos, água benta na outra!

GUI – O dia do Juízo Final!

(Ouve-se o barulho de algo que se quebra)

CHICO – O trinco da janela rompeu. Protejam-se!

(A janela se abre bruscamente. O Lobisomem entra furioso. Quando ele se prepara para atacar o grupo dos vivos, o Conde Drácula entra no recinto)

DRÁCULA *(Ironicamente)* – Abraham Van Helsing... Que surpresa encontrá-lo nesta pequena vila!

LOBISOMEM *(Adota o mesmo tom irônico)* – Vlad III, o Conde de Drácula. Que mundo pequeno, não é mesmo?

CIDINHA – Abraham Van Helsing é o nome do Lobisomem?

LÍDER DAS BEATAS – Exatamente. Van Helsing, como é mais conhecido, é o principal inimigo do Drácula.

CHICO – Como é que você sabe de tudo isso?

LÍDER DAS BEATAS - Li no livro do Bram Stoker. Suspense é a minha leitura favorita. As beatas também são cultas, sabiam?

CIDINHA (*Fala baixinho*) - Achei que eram apenas papa-hóstias e devoradoras de Bíblia.

LÍDER DAS BEATAS - Comporte-se, menina! Estamos em meio à batalha do século. O encontro entre duas lendas poderosas: o vampiro e o lobisomem. Seja lá quem vença, estaremos fritos. Para o Lobisomem, seremos comida. Para o Drácula, bebida. Como disse um contista cacerense, somos “taças de vinhos humanos”.

(Drácula e Lobisomem devem estar no centro do palco. Congelam-se as personagens. Os demais lobisomens entram no recinto. Percorrem o espaço... Cheiram algumas personagens e, depois, congelam-se. Diminui-se a luz. Dá-se o foco de luz no Drácula e no Lobisomem. As duas personagens descongelam-se. Ouve-se a música que anuncia um duelo, naquele estilo de faroeste. Drácula e Lobisomem olham-se fixamente e se movimentam no palco de forma circular. Cessa a música de duelo. Ouve-se Carmina Burana, de Carl Orff. No trecho mais intenso da música, as duas personagens agarram as mãos de maneira frontal. A luz se apaga lentamente. Ouvem-se uivos de lobisomem, sons de vampiros, barulhos que configuram o confronto. Apaga-se a luz, um silêncio. Quando a luz é acesa, Drácula não está mais no palco. As demais personagens estão dispostas em forma de meia-lua. No centro, o corpo do Lobisomem transformado em homem. O corpo está estático, quase morto, mas respirando, deixando-se a entender que sobreviverá. No palco, ainda estarão disponíveis os figurinos adultos, utilizados em cena anterior. Gui, Chico e Cidinha farão novamente o uso desses

figurinos, gerando, pela segunda vez, uma viagem no tempo que os conduza à idade adulta)

GUI – O vampiro venceu o lobisomem. A maldição sobre todos os humanos mordidos pela fera acabou. Não há mais zumbis, nem lobisomens. Há pessoas. Cidadãos de uma vila fantasma, velha, mal cuidada. A bicentenária Vila Maria do Paraguai.

CIDINHA – Vila de nossos antepassados, onde ouvimos histórias e estórias sobre tantos vultos, mitos e lendas. Vultos fundadores, pessoas que ficaram para a história deste povoado. Mitos que alimentam a memória social e cultural de uma sociedade em crise, repleta de convenções sociais que alimentam preconceitos e racismos. Lendas que despertam a imaginação das crianças e jovens, permitindo que eles trabalhem seus medos e suas dúvidas. Dúvidas sobre o quê? Do que foi o passado, do que é o presente e do que será o futuro.

CHICO – Reviver o passado é buscar o que está alojado na memória cultural de nossas comunidades. É manter viva a chama daquilo em que um dia se acreditou piamente, mas que hoje é apenas parte do imaginário popular. Os antigos imaginaram que havia vampiros, lobisomens, Mulher de Branco, Minhocão e tantas outras personagens. E assim essas lendas foram criadas. Enquanto acreditarmos, elas viverão. Onde? Na memória e na identidade de nossa gente.

GUI – Os mitos e as lendas não estão mortos. Permanecem latentes em nossas memórias. O Lobisomem permanece uivando pelas noites de lua cheia, à espreita de

quem cruzar o seu caminho. O Minhocão está preso debaixo da Catedral, e lá ficará até que um dia esqueçamo-nos da sua existência. Que esse dia nunca chegue! A mulher do Cumbaru de Ouro, toda vestida de branco, sempre voltará em nossas escritas, a enriquecer o nosso imaginário. O cumbaru nem existe mais; no entanto, ela persiste viva nos relatos populares. Dois séculos e algumas décadas de história! Vila Maria do Paraguai!. A terra do Marco do Jauru, da Catedral de São Luiz, do Cais, da Praia do Daveron, do Anjo da Ventura, das Praças Barão e Duque de Caxias, do Grupo Escolar Espiridião Marques. Rica, hospitaleira e bicentenária.

(Gui, Chico e Cidinha retiram a caracterização adulta. Voltam à meninice. Ouvem-se cornetas para anunciar a entrada de D. Maria I)

BOBO DA CORTE – Sua Majestade, a Rainha.

CHICO – Essa louca ainda não voltou ao mundo dos mortos?

CIDINHA – Você quis dizer para a cova, não é?

BOBO DA CORTE *(Fala para Cidinha)* – Petulante!

GUI – Continue Excelentíssimo Bobo Real.

BOBO DA CORTE – Sua Majestade decreta que os vultos históricos andem livremente pela praça principal, para se despedirem do mundo dos vivos. À meia-noite, todos eles serão transformados em poeira. Serão, portanto, sugados pelo solo sagrado.

CIDINHA – Traduzindo: sugados pelo cemitério!

CHICO – Graças, Senhor! Já não era sem tempo.

BOBO DA CORTE (*Resmungando*) – Essas crianças deveriam ter virado comida de lobisomens. (*Funga*)

GUI – Muito bem! Aproveitem o pouco tempo que há para matar as saudades de Vila Maria do Paraguai. A nossa geração se encarregará de lutar para mantê-los vivos em nossa história!

(Gui coloca uma ampulheta sobre uma mesa. O objeto deve demonstrar o pouco tempo que os vultos históricos têm para deixar o mundo dos vivos. Ouve-se um fado. A luz se apaga)

(Cena Final)

(Ouve-se a música As quatro estações, de Antonio Vivaldi. O ambiente é uma praça. Pessoas andando. Os vultos históricos vão ao encontro dos indivíduos e travam conversações com alguns deles. Esta cena poderá ser feita em uma praça de forma interativa. Se no interior de um lugar, o público poderá participar da ação. A depender das respostas, as personagens poderão improvisar novos diálogos e situações)

D. MARIA I – Olá... Tudo bem?

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Oi... Olá... Ei...

ANTÔNIO PINTO REGO E CARVALHO – Psiu!
Você está me vendo?

DOM ROLIM DE MOURA – Boa noite, você já ouviu falar sobre mim?

SABINO VIEIRA – Você sabia que eu estou nos livros de história sobre a sua terra?

CEL. JOSÉ DULCE – Oi, ei... Você sabia que o Anjo da Ventura foi minha ideia?

MARECHAL RONDON – Você me vê? Consegue me ver?

MAJOR JOÃO CARLOS PEREIRA LEITE – Por favor, não corram! Não somos fantasmas. Posso falar com você?

D. MARIA I – Dizem que sou louca, mas não sou. Fui Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Durante a fundação da sua cidade, eu era a Rainha reinante. Sou a mãe de D. João VI e avó de D. Pedro I do Brasil. Ei... Olá... Você consegue me ver?

SABINO VIEIRA – Sou Sabino Vieira, fui um médico e líder político revolucionário brasileiro. Lembram-se da Sabinada, ocorrida entre 1837-1838? Eu fui o principal líder dessa revolta emancipacionista e republicana iniciada na Bahia. Porém, fui preso, julgado e condenado. Minha pena foi o desterro e, com isso, vim a morrer na Fazenda Jacobina, que fica nos domínios de Cáceres. Psiu... Você já ouviu falar sobre mim?

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Ei... Tudo bem? Sou Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, um militar e administrador colonial português. Fui o quarto governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso, sendo no meu governo a fundação das cidades de Corumbá, Vila Bela e Cáceres, que na época tinham outros nomes. Leiam um pouco sobre a minha história e a de sua cidade. Oi... Ei... Você já ouviu falar de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres?

DOM ROLIM DE MOURA – Você sabia que eu fui o primeiro Conde de Azambuja, além de ter sido o 10º Vice-Rei do Brasil? Sou Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, e em 1749 vim para o Brasil, onde obtive a nomeação para exercer o cargo de governador de Mato Grosso. Morei em Vila Bela da Santíssima Trindade e passei diversas vezes por estas terras. Este lugar não passava de uma aldeia, sabia? Ei... Psiu... Lestes sobre Dom Rolim de Moura nos livros de história?

ANTÔNIO PINTO REGO E CARVALHO – Boa noite... Você consegue me ver? Ouvir? Olá... Tudo bem? Sou Antônio Pinto Rego e Carvalho, fui eu quem realmente fundou esta cidade, quando eu era Tenente de Dragões. Tudo ocorreu em 1778, quando Luís de Albuquerque era o governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso. Há quanto tempo, não é? Ei... Você... Consegues me ouvir?

MARECHAL RONDON – Certamente, você já ouviu falar no Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon? Fui um engenheiro militar e sertanista, fortemente engajado na exploração dos encantos de Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental. Na época, conduzi importantes projetos de proteção às populações indígenas brasileiras, por meio de inúmeras expedições. Apesar da descendência portuguesa e espanhola, eu nasci na cidade de Mimoso, um distrito localizado no município de Santo Antônio do Leverger, aqui em Mato Grosso. Olá... Tudo bem? Ei...

MAJOR JOÃO CARLOS PEREIRA LEITE – Vocês já ouviram falar no Major João Carlos Pereira Leite? Fui o dono da Fazenda Jacobina. Ouviram relatos sobre a Jacobina? Eu nasci e morri nessa fazenda. Os domínios da minha família ultrapassavam os limites da província de Mato Grosso, o que demonstra o poder que tínhamos naquela época. Psiu... Vem cá, vamos conversar sobre a história de nossa terra?

CEL. JOSÉ DULCE – Sou o Coronel José Dulce, imigrante da Itália. Fui um dos mais importantes comerciantes desta cidade. O Etrúria era um barco de minha propriedade, assim como a empresa “José Dulce e Cia”. Até hoje, vocês podem ver o Anjo da Ventura em cima do prédio da antiga

empresa. Antes de me mudar para Cáceres, eu participei da guerra contra a República do Paraguai e integrei a expedição que acompanhou tropas militares para outras expedições de conquistas. Psiu... Ei... Você... Pode me ouvir um pouco?

(As pessoas vivas não veem e nem ouvem mais os vultos históricos. É como se eles estivessem invisíveis. Mas eles insistem, na tentativa do diálogo)

D. MARIA I – Olá... Ei... Vem cá! Ouça-me!

LUÍS DE ALBUQUERQUE – Ei... Você!

ANTÔNIO PINTO REGO E CARVALHO – Psiu!
Psiu...

DOM ROLIM DE MOURA – Senhora... Ei, meu senhor! Estão me vendo? Olá!

SABINO VIEIRA – Você consegue me ver? Senhora? Ei!

CEL. JOSÉ DULCE – Por favor, alguém me ouve? Por favor... Olá!

MARECHAL RONDON – Parece que as pessoas não estão nos ouvindo mais...

MAJOR JOÃO CARLOS PEREIRA LEITE – E também não conseguem mais nos ver...

(Os sinos da Catedral começam a badalar)

D. MARIA I - Meia-noite! É hora de voltarmos para os livros de história...

(Os sinos continuam a tocar. Aparece uma névoa e, pouco a pouco, uma poeira vai tomando conta do lugar. Barulho de vento. Das mãos das personagens, cai areia de praia, como se estivessem se desintegrando. A luz se apaga gradativamente)

CAI O PANO